



RELATÓRIO PARCIAL DE PESQUISA

BOLSA DE MESTRADO – PROCESSO 2011/16827-6

**A CONSTITUIÇÃO DA FÓRMULA DISCURSIVA “CULTURA DE
PAZ”: CIRCULAÇÃO E PRODUÇÃO DOS SENTIDOS**

Mestranda: Helena Maria Boschi da Silva

Orientador: Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
Co-orientadora: Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado

São Carlos

2013

SUMÁRIO

1.	Resumo do Projeto Inicial	7
2.	Atividades realizadas no período	8
3.	Aprofundamento teórico	11
3.1	A criação da UNESCO: um órgão em busca da “paz” mundial	11
3.2	Breve retomada: o surgimento da “cultura de paz”	12
3.3	A fórmula discursiva segundo Krieg-Planque	16
3.4	A noção de <i>percurso</i> em trabalhos sobre <i>fórmulas discursivas</i>	21
3.5	Primeiras Análises: uma semântica global da cartilha <i>Cultura de Paz: redes de convivência</i>	23
4.	Reflexões sobre metodologia e constituição do <i>cópus</i>	28
4.1	O <i>cópus</i> – alterações e justificativa	28
4.2	Ferramentas de pesquisa e de análise	30
4.2.1	Acervos digitais dos jornais	30
4.2.2	Buscador google	50
4.2.3	O software lexico3	53
5.	Cronograma	54
5.1	Cronograma Inicial	54
5.2	Interesse em realização de estágio de pesquisa no exterior	55
5.3	Cronograma da Pesquisa com ajustes e encaminhamentos	57
6.	Referências Bibliográficas	59
7.	Anexos	63
7.1	Página do Grupo de Pesquisa Comunica no diretório do CNPq	63
7.2	Certificados de participação em eventos	63
7.2.1	2ª JIED / 1º EIID	63
7.2.2	XXIII Congresso Nacional de Pós-Graduandos	63
7.2.3	60º GEL	63

7.2.4	IV Cenas da Enunciação.....	63
7.2.5	Minicurso - 16ª Jornada de Letras.....	63
7.2.6	I Seminário de Produção em Linguística.....	63
7.2.7	VIII Fórum de Editoração.....	63
7.2.8	VI SPLIN.....	63
7.3	Certificados de Organização de eventos	63
7.3.1	IV Cenas da Enunciação.....	63
7.3.2	VI Splin	63
7.4	Publicações.....	63
7.4.1	2ª Jied / 1º Eiid – Resumo e Trabalho completo.....	63
7.4.2	Resumo – 60º Gel.....	63
7.5	Revisão Técnica de artigo	64
7.6	Certificado: Curso de língua francesa	64

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Resposta do Banco de Dados da FSP sobre consulta ao acervo.....	31
Figura 2: Modo de realização das buscas no acervo (FSP).....	32
Figura 3: Exibição dos resultados encontrados (FSP).	33
Figura 4: Recorte de página disponibilizado pelo acervo a não-pagantes (ESP).	36
Figura 5: Pedido de <i>login</i> para acesso à página completa do acervo (ESP).	36
Figura 6: Falha na entrega de e-mail enviado ao Banco de Dados segundo endereço indicado no site do jornal (ESP).	37
Figura 7: Envio de e-mail ao serviço de atendimento do jornal (ESP).....	37
Figura 8: Resposta do jornal com indicação de e-mail da Agência Estado (ESP).	38
Figura 9: Falha na entrega de e-mail enviado à Agência Estado pelo endereço indicado (ESP).	39
Figura 10: Plataforma de assinatura digital do jornal (ESP).	40
Figura 11: Mensagem de erro exibida após envio dos dados para assinatura (ESP).....	40
Figura 12: Gráfico com resultado da busca pelo termo “cultura de paz” em todo o acervo (ESP, maio de 2012).	41
Figura 13: Gráfico com resultado da busca pelo termo “cultura de paz” em todo o acervo (ESP, julho de 2012).....	42
Figura 14: Mensagem sobre a “diferença entre as edições Brasil e São Paulo” (ESP). .	43
Figura 15: Gráfico com resultado da busca pelo termo “cultura de paz” somente na Edição Brasil (ESP, julho de 2012).	44
Figura 16: Busca avançada da sequência “cultura de paz” no acervo do jornal por meio do software Adobe Reader X (BF).	49
Figura 17: Busca avançada da sequência “cultura de paz” na plataforma Google Search	52

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Lista de resultados encontrados na busca pela sequência “cultura de paz” (FSP).	34
Tabela 2: Lista de resultados encontrados na busca pela sequência “cultura da paz” (FSP).	35
Tabela 3: Lista de resultados encontrados na busca pela sequência “cultura da paz” (ESP).	48
Tabela 4: Lista de resultados encontrados na busca da sequência “cultura da paz” (BF).	50
Tabela 5: Cronograma do projeto inicial.	54
Tabela 6: Cronograma proposto para estágio de pesquisa no exterior.	57
Tabela 7: Cronograma da pesquisa com ajustes e encaminhamentos.	58

1. RESUMO DO PROJETO INICIAL

Em nosso projeto inicial, nos propusemos a analisar o percurso do sintagma “cultura de paz” durante o período dos anos 2001 a 2010, declarado pela ONU como a “Década Internacional para uma Cultura de Paz e Não Violência para as Crianças do Mundo” (UN Resolution A/RES/53/25), tendo como base a proposta teórico-metodológica de Alice Krieg-Planque (2010) acerca da noção *fórmula discursiva*, delineada desde a publicação de sua tese (KRIEG-PLANQUE, 2000) sobre a circulação e os usos da expressão “purificação étnica” na imprensa francesa durante os anos de 1980 a 1994, quando se noticiava a guerra nos Bálcãs.

Para que isso fosse possível, tomamos como ponto de partida um levantamento de ocorrências desse termo com o auxílio de obras que sintetizam as principais ações desenvolvidas durante a Década para a Cultura de Paz, tais como *Cultura de paz: da reflexão à ação - Balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo* (DISKIN; NOLETO, 2010), que enumera alguns dos projetos brasileiros mais representativos para a campanha, o *Relatório Mundial de Cultura de Paz* (ADAMS, 2007), e o último relatório sobre a Década, *Report on the Decade for a Culture of Peace: Final Civil Society Report on the United Nations International Decade for a Culture of Peace and Non-violence for the Children of the World (2001-2010)* (ADAMS *et al.*, 2011), além de pesquisa nos jornais de abrangência nacional Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo e Brasil de Fato, a fim de verificar como esses dispositivos midiáticos fizeram (ou não) o sintagma circular.

Assim, analisando as diferentes interpretações que caracterizam os discursos de atores sociais que mobilizaram a expressão “cultura de paz”, amplamente utilizada em encontros e documentos internacionais e nacionais, abrangendo questões políticas e sociais diversas, procuramos verificar a circulação dessa expressão, mais precisamente, as práticas que a cristalizam e que são, ao mesmo tempo, por ela instituídas, num paradoxo constitutivo. Fazemos a hipótese de que a sequência em questão pode ser categorizada como uma *fórmula discursiva* segundo os parâmetros de Krieg-Planque (2010).

2. ATIVIDADES REALIZADAS NO PERÍODO

Durante o primeiro ano da pesquisa, priorizamos o embasamento teórico, desenvolvido nas disciplinas da pós-graduação, no grupo de estudos Comunica e em eventos acadêmicos, necessário à constituição do *corpus* da pesquisa e à reflexão sobre questões de metodologia que derivaram desse processo.

De forma resumida, as atividades desempenhadas foram:

- frequência às disciplinas da pós-graduação (como pode ser verificado no histórico escolar enviado juntamente a este relatório):
 - *Introdução aos estudos do discurso*
Disciplina ministrada pela Prof^a. Dr^a. Vanice Sargentini, que teve como objetivo discutir as bases teóricas sobre as quais se assenta a Análise do Discurso de orientação francesa, com foco em textos clássicos dos autores Michel Pêcheux, Michel Foucault e Jean-Jacques Courtine.
 - *Análise dialógica de materialidades verbo-visuais*
Disciplina concentrada ministrada pela Prof^a. Dr^a. Beth Brait (LAEL/PUC-SP), convidada pelo PPGL-UFSCar, com vistas a leituras de textos-chave de Bakhtin e discussões acerca das possibilidades de análise dialógica de textos não-verbais, que, embora não efetivadas diretamente pelo autor, são sugeridas em alguns momentos em sua obra.
 - *Estágio supervisionado em capacitação docente em Linguística*
Estágio realizado na disciplina optativa “Tratamento Editorial de Textos”, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Luciana Salazar Salgado, com os objetivos tanto de aprimoramento da reflexão sobre a docência, exercitando a realização de exercícios em sala, quanto de compreensão de questões que tangem à edição e à circulação de textos no mercado editorial, tema que fará parte do Projeto Complementar proposto neste relatório (cf. capítulo 5.2)
 - *História das práticas discursivas no Brasil (do século XIX aos nossos dias)*
Disciplina ministrada pelo Prof. Dr. Carlos Piovezani que, com o auxílio de textos fundadores da Análise do Discurso aliados a pesquisas mais recentes, busca pensar o condicionamento do discurso – suas origens,

seus alcances e suas transformações –, problematizando sua relação com a cultura e a história.

○ *Estudos semióticos da textualização*

Disciplina de introdução à Semiótica de tradição francesa ministrada pela Profa. Dra. Mônica Signori, cursada com o intuito de conhecer melhor o percurso gerativo do sentido e as vertentes posteriores da disciplina e aprimorar a capacidade de análise linguística.

○ *Tópicos em Linguística: recepções do pensamento de Saussure e o surgimento da Análise do Discurso na França*

Disciplina concentrada ministrada pelos Profs. Drs. Carlos Piovezani (DL – UFSCar) e Marcio Alexandre Cruz (Universidade Federal de Alagoas – UFAL), em substituição ao Prof. Dr. Christian Puech (Université Paris III - Sorbone Nouvelle), que infelizmente não pôde comparecer. Propôs uma reflexão sobre o surgimento da Análise do Discurso visto da perspectiva da longa duração e da continuidade, em detrimento do ponto de vista mais generalizado das rupturas em relação ao pensamento de Saussure, tendo como base os trabalhos de Puech.

○ *Tópicos em linguagem humana e tecnologia: o processador de corpus Unitex*

Frequência ao primeiro módulo dessa disciplina concentrada, ministrada pelo Prof. Dr. Oto Araújo Vale (DL – UFSCar), acerca do funcionamento do software Unitex como processador de corpus. Os dois módulos restantes não haviam sido marcados até a conclusão deste relatório.

- participação no grupo de estudos COMUNICA – reflexões linguísticas sobre comunicação, que é parte das atividades do Grupo de Pesquisa sob liderança da Prof^a. Dr^a. Luciana Salazar Salgado (cf. Anexo 7.1)¹;
- fichamento de leituras de obras das referências bibliográficas, que seguem em constante atualização;
- constituição do corpus, com busca digital, experiência com diferentes softwares e visita a acervos físicos;
- participação em eventos / organização de eventos:

¹ A página do grupo de pesquisa pode ser acessada no diretório do CNPq pelo seguinte link: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0335801AKW5CMY>.

- 2ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso (JIED) / 1º Encontro Internacional da Imagem em Discurso (EIID): apresentação do projeto de pesquisa com o trabalho “A constituição da fórmula discursiva ‘cultura de paz’: circulação e produção dos sentidos” (cf. Anexo 7.2.1) e publicação do trabalho completo nos Anais do evento (cf. Anexo 7.4.1);
- XXIII Congresso Nacional de Pós-Graduandos - desafios brasileiros: participação como delegada da UFSCar (cf. Anexo 7.2.2);
- 60º Seminário do GEL: apresentação do trabalho “A cartilha ‘Cultura de Paz: redes de convivência’ e o estabelecimento de uma nova fórmula discursiva” (cf. Anexo 7.2.3) e publicação do resumo no Caderno de Programação (cf. Anexo 7.4.2);
- IV Cenas da Enunciação: participação da comissão organizadora como monitora (cf. Anexo 7.3.1) e participação como ouvinte, incluindo o minicurso “Análise do Discurso: problemáticas contemporâneas”, ministrado pelo Prof. Dr. Dominique Maingueneau (Université Paris-Sorbonne - Paris IV) (cf. Anexo 7.2.4);
- 16ª Jornada de Letras (DL-UFSCar): participação do minicurso “Hibridismos linguísticos, discurso e poder”, ministrado pela Profa. Dra. Cristine Gorski Severo (UFSC) (Cf. Anexo 7.2.5);
- I Seminário de Produção em Linguística (DL-UFSCar): apresentação de pôster sobre o projeto de pesquisa desenvolvido no mestrado (“A constituição da fórmula discursiva ‘cultura de paz’: circulação e produção dos sentidos”), apresentação de pôster do Grupo de Pesquisa “Comunica – reflexões linguísticas sobre comunicação”, participação como debatedora do Trabalho de Conclusão de Curso *Charges políticas: acontecimento e mídia* e frequência ao minicurso *Práticas de Roteiro para Produção Audiovisual* (cf. Anexos 7.2.6);
- VIII Fórum de Editoração – A Rede do Livro: participação como ouvinte (cf. Anexo 7.2.7)
- VI Seminário de Pesquisas da Pós-Graduação em Linguística (SPLIN) da UFSCar: participação na comissão organizadora (cf. Anexo 7.3.2) e apresentação oral e debate sobre o desenvolvimento do projeto “A constituição da fórmula discursiva ‘cultura de paz’: circulação e

produção dos sentidos” (cf. Anexo 7.2.8); o resumo será publicado nos Anais do evento, ainda em preparação.

- submissão do artigo “Considerações sobre a gênese discursiva da fórmula ‘cultura de paz’”, escrito em coautoria com a Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado, para a Revista *Todas as Letras* (Qualis A2, nacional, publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Curso de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie) (cf. Anexo 7.4.3);
- revisão técnica do artigo “Chico Buarque das letras: uma análise discursiva com as noções de paratopia e ritos genéticos”, da graduanda Maria Renata Casonato Motta, publicado na Revista *Cadernos Discursivos* (publicação eletrônica recém-lançada do Grupo de Estudos Discursivos (GEDIS) da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão) (cf. Anexo 7.5);
- frequência a aulas de francês (em grupo e individuais) com vistas a leituras de obras indicadas, tradução de artigo e fluência na língua para estágio no exterior (cf. Anexo 7.6 e Capítulo 5.2).

3. APROFUNDAMENTO TEÓRICO

3.1 A CRIAÇÃO DA UNESCO: UM ÓRGÃO EM BUSCA DA “PAZ” MUNDIAL

Passando por um apanhado de acontecimentos que deram início às grandes organizações mundiais, Mattelart (2005) narra as mudanças das relações entre os países com as possibilidades cada vez maiores de interação ao redor do mundo instauradas pelas novas tecnologias de informação e comunicação.

Retomando a origem e as diversas significações dos termos “mundialismo”, “internacionalização”, “internacionalismo”, “globalização” e “mundialização”, cunhados e mobilizados em diferentes conjunturas do debate acerca dos “vínculos transfronteiras” sócio-econômico-culturais entre os Estados-nação, o autor mostra como a noção de interdependência, saída do campo da biologia celular – e, por conseguinte, também as ideias de “ajuda mútua” e de “segurança comum”, por exemplo –, encontra-se imbricada em uma rede de disputa de poder que paira acima de qualquer representação utópica de unidade harmônica em nível mundial. Em outras palavras,

a imagem consensual evocada pelo vínculo universal tecido pela rede mundial das comunicações de longa distância negligencia a realidade das relações de força entre as grandes potências, entre elas e o resto do mundo (MATTELART, 2005, p.30).

Ainda segundo o autor (2005, p.54-57), é materializando esse ideal de “comunhão universal”, reforçado pela atmosfera pós-segunda guerra mundial de busca pela paz, que representantes de alguns países (nomeadamente, França, Índia, México, Polônia, Reino Unido e Estados Unidos) se debruçam sobre a redação do ato constitutivo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO em 1945. A recusa da união Soviética em participar desse grupo permite que a tese estadunidense do *free flow of information* prevaleça na interpretação da cláusula sobre a “livre circulação de ideias” e acabe sendo adotada também, por pressão da delegação norte-americana, na Conferência das Nações Unidas sobre a Liberdade da Informação em 1948 – a despeito da resistência de alguns membros quanto a projetos estadunidenses de estabelecimento de um sistema mundial de comunicação, que culmina, posteriormente, em acirrados debates no âmbito da UNESCO acerca da troca desigual dos fluxos de informação e de comunicação. Para Mattelart (2005, p.56), é nesse momento que se confirma “o desejo [norte-americano] de instrumentalizar o organismo para fins políticos”.

3.2 BREVE RETOMADA: O SURGIMENTO DA “CULTURA DE PAZ”

Segundo a cartilha “Cultura de Paz: redes de convivência” (DISKIN, 2009), a expressão “cultura de paz” tem sua primeira aparição em 1989, na Conferência Internacional sobre Paz na Mente dos Homens, realizada pela UNESCO em Yamoussoukro, na Costa do Marfim. O documento que resultou do encontro é a “Declaração sobre a paz na mente dos homens” (CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE A PAZ NA MENTE DOS HOMENS, 1989), tratando-se, para Diskin (2009, p.19), de “um dos primeiros documentos internacionais a salientar a mudança conceitual da Paz e as implicações disso na formulação das agendas e prioridades dos governos”.

É no “Programa de paz” descrito nele que aparece a sequência “cultura de paz”, logo no primeiro tópico:

O Congresso convida os Estados, organizações intergovernamentais e não-governamentais, as comunidades científica, educacional e cultural do mundo e ainda todos os indivíduos a:

- Ajudar na construção de uma nova visão de paz, desenvolvendo *uma cultura de paz baseada nos valores universais de respeito à vida, liberdade, justiça, solidariedade, tolerância, direitos humanos e igualdade entre mulheres e homens*.

(CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE A PAZ NA MENTE DOS HOMENS, 1989, *grifo nosso*)

Posteriormente, podemos encontrar outras tentativas de definição dessa “expressão”. Segundo a publicação *UNESCO and a Culture of Peace: promoting a global movement* (UNESCO, 1995, p.39, *tradução nossa*²), que traz o programa de ação de cultura de paz da entidade, os “princípios fundamentais de uma ‘cultura de paz’” seriam:

- não-violência e respeito pelos direitos humanos;
- diversidade cultural, tolerância e solidariedade;
- compartilhamento e livre fluxo de informações;
- participação plena e empoderamento das mulheres.

Para Adams³ (2005), no entanto, a “cultura de paz” pode ser compreendida através da combinação de duas resoluções das Nações Unidas, o “Programa de Ação” e a “Resolução das Nações Unidas de 1998 sobre a Cultura de Paz”⁴, a partir dos quais ele constrói uma definição baseada em oito premissas:

Uma cultura de paz é uma abordagem integral para prevenir a violência e os conflitos violentos, e uma alternativa à cultura da guerra e da violência baseada na educação para a paz, na promoção da economia sustentável e do desenvolvimento social, no respeito pelos direitos humanos, na igualdade entre mulheres e homens, na participação democrática, na tolerância, no livre fluxo de informações e no desarmamento. (*tradução nossa*)

² Todos os originais em inglês das páginas podem ser acessados pelos links das respectivas referências.

³ David Adams é um dos principais representantes da cultura de paz no âmbito internacional, tendo sido responsável pelo desenvolvimento do “Culture of Peace Programme” da UNESCO, em 1992, e Diretor da “Unit for the International Year for the Culture of Peace” até 2001. É também o criador do site “Global Movement for a Culture of Peace”, que traz informações e documentações sobre a “cultura de paz”.

⁴ O “Programa de Ação” de 1999 pode ser encontrado no site da Culture of Peace News Network (CPNN) (ONU, 1999b). A “Resolução de 1998 sobre a Cultura de Paz” está linkada no site do pesquisador (ADAMS, 2005), mas não leva diretamente ao documento, que não foi possível encontrar. No entanto, parece ser o mesmo da “Declaração para uma Cultura de Paz”, também disponível no site da CPNN (ONU, 1999a).

Cabe notar que, embora David Adams coloque o *desarmamento* como um dos pontos que definem a “cultura de paz”, no Programa de Ação elaborado pela UNESCO (para o qual ele também colaborou) e no Programa da Década da Cultura de Paz, baseado no primeiro, este conceito é substituído por outro, *paz e segurança internacional*, sendo o desarmamento deixado como um dos vários subitens. Os oito temas desses dois programas ficam, então:

- Cultura de Paz através da educação;
- Economia sustentável e desenvolvimento social;
- Compromisso com todos os direitos humanos;
- Equidade entre os gêneros;
- Participação democrática;
- Compreensão, tolerância e solidariedade;
- Comunicação participativa e livre fluxo de informações e conhecimento;
- Paz e segurança internacional⁵.

Como vemos, e para isso recuperamos Pêcheux (1997, p.102-107), nesses primeiros documentos⁶ em que a sequência em questão aparece “*se pensa o objeto do pensamento*” associando-o a nomes comuns conceituais como os ditos valores universais de “liberdade”, “justiça”, “tolerância”, “segurança”, etc.⁷

Pouco a pouco, no entanto, começam a surgir iniciativas⁸ que adotam a expressão “cultura de paz” como tema de suas atividades, de forma que esse sintagma nominal adquire o funcionamento do que Pêcheux estudou em determinado período de sua trajetória acadêmica como um *pré-construído* (PECHEUX, 1997). A expressão entra para o “universo das coisas” e ganha maior evidência no interdiscurso, adquirindo um sentido supostamente estável e compartilhado socialmente, e integrando o enunciado

⁵ Essa substituição traz uma questão muito interessante para o debate, que pretendemos abordar mais acuradamente em trabalhos posteriores.

⁶ Que podemos considerar como os *textos primeiros (fontes)* de Maingueneau (2008, p.48-9): “os discursos que supostamente produzem os conteúdos em sua ‘pureza’”.

⁷ Os quais pensaremos nesse trabalho como os temas como vistos por Maingueneau (2008, p.81): “aquilo de que um discurso trata”.

⁸ Os marcos internacionais mais importantes dessas iniciativas sobre a “cultura de paz” são sua adoção no Programa da UNESCO, em 1995, a proclamação do ano 2000 como “Ano Internacional por uma Cultura de Paz” e da década 2001-2010 como a “Década Internacional para uma Cultura de Paz e Não Violência para as Crianças do Mundo”, bem como o lançamento da “Declaração sobre uma Cultura de Paz” e do “Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz”, pela Assembleia Geral das Nações Unidas - ONU (Resoluções de 20 de novembro de 1997, de 10 de novembro de 1998, e de 13 de setembro de 1999, respectivamente), e o lançamento do “Manifesto 2000”, elaborado por ganhadores do Prêmio Nobel da Paz, tendo como mote a frase “A Paz está em Nossas Mãos”.

muitas vezes “*como se esse elemento já se encontrasse aí*”; tratava-se, para esse autor, da

(...) separação fundamental entre o pensamento e o objeto de pensamento, com a pré-existência deste último, marcado pelo que chamamos uma discrepância entre dois domínios de pensamento, de tal modo que o sujeito encontra um desses domínios como o impensado de seu pensamento, impensado este que, necessariamente, pré-existe ao sujeito. (PECHEUX, 1997, p.102)

Esse “impensado preexistente” está diretamente ligado à memória discursiva, retomada e reconstruída nos diversos enunciados a cada vez que fazem uso do termo em questão. Como Courtine (2009, p.104) afirma, recuperando Foucault, “toda formulação apresenta em seu ‘domínio associado’ outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega...”, dependendo da formação discursiva em que se encontra. Isso reforça a postulação do “primado do interdiscurso” de Maingueneau (2008, p.31), segundo o qual existe uma “heterogeneidade constitutiva, que amarra, em uma relação inextricável, o Mesmo do discurso e seu Outro”.

Com o aumento da circulação desse *pré-construído* e o aprofundamento de sua heterogeneidade semântica, verificável na memória discursiva estabelecida pelo interdiscurso e acionada/construída pelos usos que se fazem dele, entendemos que ele passa a uma categoria que condensaria um grau mais elevado de polêmica discursiva: a “fórmula discursiva”, conforme concebida por Alice Krieg-Planque (2010).

Com a análise das ocorrências do *cópus*, a ser realizada na segunda etapa da pesquisa que agora se inicia, buscaremos averiguar as concretizações desses temas e os pontos de convergência e divergência de discursos acerca de cada um deles dentro da forma cristalizada da “cultura de paz”. Mostraremos, assim, o desenvolvimento desse acontecimento discursivo no Brasil a partir da circulação desse sintagma como uma fórmula nos discursos institucionais, levando em consideração que

o acontecimento discursivo não se confunde nem com a notícia, nem com o fato designado pelo poder, nem mesmo com o acontecimento construído pelo historiador. Ele é apreendido na consistência de enunciados que se entrecruzam em um momento dado. (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1994, p.166)

3.3 A FÓRMULA DISCURSIVA SEGUNDO KRIEG-PLANQUE

Toda exposição acerca dos problemas culturais avança sobre um solo de palavras instáveis, é impossível impor uma definição conceitual a esses termos: suas significações dependem dos funcionamentos das ideologias e de sistemas díspares.

(DE CERTEAU, 1995, p.193)

A pesquisadora Krieg-Planque vem traçando uma trajetória de estudos que parte das Ciências da Informação e da Comunicação e busca, na Linguística, e mais particularmente na Análise do Discurso de tradição francesa, um suporte teórico-metodológico para a análise de acontecimentos comunicacionais, com ênfase nos discursos midiáticos, políticos e institucionais.

Em sua tese de doutorado, *Émergence et emplois de la formule “purification ethnique” dans la presse française (1980-1994)* (KRIEG, 2000), a autora estuda o período das guerras da ex-Iugoslávia por meio da circulação da fórmula “purificação étnica”, desdobrada também em outras variações sintagmáticas, como “limpeza étnica” e “depuração étnica”, nas mídias francesas e internacionais. Essa pesquisa dá origem à obra *“Purification ethnique”: une formule et son histoire* (KRIEG-PLANQUE, 2003), que, segundo a autora,

[...] foi bem recebida tanto em análise do discurso, em lexicologia sociopolítica, em ciências da informação e da comunicação, em ciência política, em história contemporânea e imediata, em antropologia, em sociologia, quanto nos subcampos da pesquisa frequentemente marcados pela pluridisciplinaridade (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.10)

O interesse do meio acadêmico pela abordagem da autora em relação ao conceito *fórmula discursiva*, cuja definição objetiva, presente no primeiro capítulo de sua tese, ainda não havia sido objeto de publicação, leva ao lançamento do livro em que esta pesquisa se baseia, *La notion de “formule” en analyse du discours: cadre théorique et méthodologique*, logo traduzido no Brasil (KRIEG-PLANQUE, 2010).

O termo *fórmula discursiva* é recuperado por ela a partir de uma obra de Jean-Pierre Faye (1972), na qual o autor estuda o sintagma “Estado Total”. No entanto, a autora frisa que o uso que ela faz desse conceito trata-se não exatamente de um

empréstimo, mas, antes, de um *descolamento referencial*, uma vez que o próprio Faye o toma do discurso dos atores que estuda⁹ (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.36-37).

Nessa obra, a autora define a fórmula como

um objeto descritível nas categorias da língua e cujo destino – ao mesmo tempo invasivo e continuamente questionado – no interior dos discursos é determinado pelas práticas linguageiras e pelo estado das relações de opinião e de poder em um momento dado no seio do espaço público¹⁰ (KRIEG-PLANQUE *in* MOTTA; SALGADO, 2011, p.12¹¹)

Esse “objeto” é descrito pela autora como uma sequência linguística que deve manifestar quatro características:

1. assumir um caráter cristalizado;
2. se inscrever em uma dimensão discursiva;
3. funcionar como um referente social;
4. comportar um aspecto polêmico.

Esse caráter cristalizado significa que a fórmula deve se materializar em “uma forma significante relativamente estável” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.61), seja ela um sintagma básico ou um sintagma derivado¹². Essa sequência cristalizada é necessária para tornar possível tanto a circulação da fórmula quando o seu rastreamento pelo analista – o que não quer dizer que não possa condensar formas menos estáveis, na forma de paráfrases ou variantes dessa sequência mais cristalizada. Segundo a autora (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.71),

⁹ Segundo Ebel (*apud* Krieg-Planque, 2010, p.37), a noção de fórmula “[...] não sai pronta de uma teoria da linguagem; Faye a toma dos próprios materiais, dos textos, narrações e discursos que, desde 1929, esboçam os contornos de um novo tipo de estado. Ele a encontra em Carl Schmitt, que a chama ora de ‘fórmula’, ora de ‘conceito’, e também em Ernst Forsthoff: ‘Der totale Staat ist eine Formel’ [O Estado total é uma fórmula]”.

¹⁰ A autora trabalha com a noção de espaço público enquanto local fundamentalmente midiático de projeção dos diversos aspectos da sociedade, “por meio do qual os atores compartilham seus pontos de vista, expõem suas opiniões em praça pública, tornando-as, desse modo, visíveis a quaisquer outras pessoas, alimentando, assim, a possibilidade de um debate público e contraditório de suas opiniões” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.114).

¹¹ Trata-se de uma definição publicada originalmente no livro *Purification ethnique: une formule et son histoire* (KRIEG-PLANQUE, 2003), que é um recorte da tese de doutorado da pesquisadora. Ela é retomada na entrevista “‘Fórmulas’ e ‘lugares discursivos’: propostas para a análise do discurso político”, traduzida por Sírio Possenti e Luciana Salazar Salgado no livro referenciado.

¹² Utilizamos aqui a classificação sintática de José Carlos de Azeredo na Gramática Houaiss (2011, p.146; 296). Segundo ele, sintagmas básicos são aqueles “formados por uma classe de palavra apta a constituir por si só o respectivo sintagma”, enquanto sintagmas derivados são “criados por meio de transposição”, processo em que um sintagma deriva de outra unidade – caso da “cultura de paz”.

é a concisão que permite à fórmula circular, no sentido material do termo, é ela que permite à sequência ser integrada a enunciados que a sustentam, a incluem, a retomam, a reforçam, a reiteram ou a recusam.

No caso do sintagma “cultura de paz” (com as variantes “cultura da paz”, “cultura para a paz”, menos utilizadas¹³), por exemplo, temos uma unidade lexical complexa que se cristalizou ao longo dos últimos vinte e três anos (desde seu surgimento em 1989), e que hoje conta com mais de dois milhões de ocorrências na ferramenta de busca do Google e verbete na Wikipédia¹⁴ (embora ainda não nos dicionários tradicionais), tendo portanto uma forma identificável e possível de rastrear.

O lançamento de uma cartilha, no caso, a *Cultura de paz: redes de convivência* (DISKIN, 2009), comprova, também, essa cristalização, pois evidencia uma necessidade de “ensinar” o que significaria essa sequência linguística “cultura de paz” – mas que, devido ao caráter de heterogeneidade semântica da fórmula, acaba por extrapolar a rigidez conceitual típica de uma cartilha, como mostraremos na subseção 3.5.

A segunda propriedade, a *dimensão discursiva*, deve-se ao fato de a fórmula ser uma noção essencialmente discursiva, pois se trata de materialidade linguística que “não existe sem os usos que a tornam uma fórmula” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.81). Assim, nenhum sintagma verbal está destinado a ser (ou não) formulaico, sendo necessária a análise de sua circulação em um determinado recorte temporal para se verificar se alcança essa condição. Cabe notar que a sequência pode tanto surgir já com o status de fórmula, como supomos ser o caso da “cultura de paz”, quanto desenvolver esse caráter em meio a sua trajetória devido a algum uso particular (ou uma série de usos), como ocorre na maioria das vezes (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.82). A pesquisadora mostra como exemplo desse acontecimento a sequência “sem-documento” (“sans-papiers”), que, segundo ela, parece ter se tornado uma fórmula na segunda metade de 1996, quando ocorreu “o caso dos sem-documento da igreja Saint-Bernard” e o sintagma passou a ter uma aparição expressiva no espaço público (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.85).

A potencialidade da “cultura de paz” enquanto fórmula discursiva deve-se ao próprio *campo discursivo* (MAINGUENEAU, 2008) em que surge, dos “Direitos Humanos”. A numerosidade e, ao mesmo tempo, a opacidade dos *temas* que ela abrange

¹³ Contrastando com a busca da sequência “cultura de paz”, que teve 2,07 milhões de resultados no buscador do Google, “cultura da paz” contou com 864 mil e “cultura para a paz” com 87,5 mil ocorrências em pesquisa no dia 24 de agosto de 2012.

¹⁴ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_de_paz>. Último acesso em 13 de agosto de 2012.

fazem com que, necessariamente, ela esteja sujeita às disputas pelos sentidos atribuídos ao que seriam, por exemplo, a “sustentabilidade”, o “desenvolvimento social”, o “livre fluxo de informações” para os diversos posicionamentos discursivos. É o que fica evidente quando, ao passar para o Programa de Ação da UNESCO, o “desarmamento”, que estava entre os oito temas definidos por David Adams (2005a), seja substituído por “paz e segurança internacional”, o que abre espaço para as diversas reivindicações discursivas do que seja essa “paz” e essa “segurança” (militarizadas, desarmadas, etc.).

Na cartilha em questão, sobretudo na seção “Saber o sabor da experiência”, os principais temas abordados nos projetos das entidades, condensados no fato de “ter a cultura de paz explicitamente entre seus objetivos” (DISKIN, 2009, p.30), são destacadamente a “educação para a paz” e a “não-violência”, previstos no que seria aquele programa temático inicial da “cultura de paz”, e desdobramentos que fazem parte da grade semântica dos “direitos humanos”, como a “saúde”, a “cidadania”, a “ética”. Dentre as diversas instituições que figuram nessa seção da cartilha, a que mais chamou nossa atenção foi a Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, dados os últimos acontecimentos das ações policiais na região da cidade conhecida como Cracolândia¹⁵.

O funcionamento como um *referente social*, terceira condição para que um sintagma cristalizado seja classificado como fórmula, deve-se, segundo Pierre Fiala e Marianne Ebel (citados por Krieg-Planque em MOTTA; SALGADO, 2011, p.18), ao fato de que

(...) surgem fórmulas na linguagem em relação às quais o conjunto de forças sociais e o conjunto dos locutores são obrigados a tomar posições, a defini-las, a combatê-las ou a aprová-las, mas, em qualquer caso, a fazê-las circular de uma maneira ou de outra.

Em outras palavras, isso acontece quando a sequência torna-se presença obrigatória para além dos contextos sociais em que surge, transcendendo o lugar discursivo de origem e podendo, inclusive, “(...) funcionar como índice de reconhecimento que permite 'estigmatizar' – positivamente ou negativamente – seus usuários” (KRIEG-PANQUE, 2010, p.74). É exatamente o que a autora ilustra na citação

¹⁵ Embora não seja o objeto deste trabalho específico, lembramos que a Prefeitura de São Paulo também utiliza a “cultura de paz” como slogan, como pudemos ver, por exemplo, em faixa afixada no Estádio Pacaembu (acompanhada, em faixa idêntica ao lado, também com o brasão da Prefeitura, do dizer: “Segurança que a gente vê”) durante o jogo de despedida do jogador Ronaldinho. Esse uso da fórmula nos chama a atenção devido a outros fatos recentes amplamente divulgados, como desapropriações e reintegrações de posse em curso na Região Metropolitana de São Paulo e denúncias de abusos da Polícia Militar da cidade.

do início desta seção, e que Bonnafous (*apud* KRIEG-PLANQUE, 2010, p.25-6) expressa ao dizer que a “palavra” “torna-se um *slogan*”, “uma palavra de ordem”.

A instauração e a mobilização de uma fórmula está diretamente ligada, então, com a definição proposta por Krieg-Planque (2009, p.14) acerca da definição da *comunicação* no âmbito dos discursos institucionais como “[...] um conjunto de habilidades relativas à antecipação das práticas de retomada, de transformação e de reformulação dos enunciados e de seus conteúdos”. Um indício forte desse acontecimento e do funcionamento como um *referente social* no caso da fórmula em questão é sua extensa adoção por Universidades, Associações e ONGs, além de sua presença em regras de concursos e em instâncias legislativas, muitas vezes devido ao reconhecimento e à visibilidade que seu uso confere à entidade – já que atitudes que se encaixariam perfeitamente dentro das concepções da “cultura de paz”, tal como delineadas por Adams (2005) e citadas anteriormente, muitas vezes não são vistas e reconhecidas como tal, se não utilizarem explicitamente essa denominação. É o caso da seção “Saber o sabor da experiência”, que já citamos, da Cartilha *Cultura de Paz: Redes de Convivência* (DISKIN, 2009, p.30). Os dez projetos que foram selecionados para representar didaticamente (trata-se de uma cartilha) algumas das “ações em prol da cultura de paz” não tiveram necessariamente o desenvolvimento de suas atividades avaliado, como mencionamos no caso do norteamento político da Secretaria Municipal de Saúde, mas a presença da “cultura de paz” entre seus objetivos como fator primeiro de avaliação.

Notamos também que, assim como no caso de pequenas frases e *slogans*, para que a transformação do sintagma em um *referente social* possa acontecer, a fórmula deve ser constituída por uma estrutura linguística pregnante, que favoreça sua circulação. Não é arbitrário que boa parte das potenciais fórmulas sejam constituídas por sintagmas complexos, cadenciados, e, como notamos, geralmente compostos por um determinante e um determinado, que potencializam a possibilidade da instauração de uma polêmica discursiva pela interpretação da “qualidade” atribuída ao núcleo da sequência (como, por exemplo, o que seja um desenvolvimento *sustentável*, ou uma “cultura de paz”.

Isso nos leva à última característica proposta por Krieg-Planque (2010, p.99-100), que diz respeito ao *caráter polêmico da fórmula*, o qual está intimamente ligado à propriedade anterior pelo fato de a expressão constituir “um suposto denominador comum”, mas comportar diversos sentidos, reivindicados por institucionalidades

distintas. É a “generalização do termo” acompanhada de “uma semantização bastante heterogênea”, nas palavras de Bonnafous (*apud* KRIEG-PLANQUE, 2010, p.25).

Essa característica permeia tudo o que dissemos anteriormente, devido ao fato de a fórmula condensar questões políticas e sociais que, como a autora explica,

põe[m] em jogo os modos de vida, os recursos materiais, a natureza e as decisões do regime político do qual os indivíduos dependem, seus direitos, seus deveres, as relações de igualdade ou de desigualdade entre cidadãos, a solidariedade entre humanos, a ideia que as pessoas fazem da nação de que se sentem membros. (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.100)

3.4 A NOÇÃO DE *PERCURSO* EM TRABALHOS SOBRE *FÓRMULAS DISCURSIVAS*

No primeiro capítulo da obra *Cenas da Enunciação*, “Unidades tópicas e não tópicas”, Maingueneau (2008) discute a problemática do estatuto do conceito *formação discursiva* (FD) dentro das diferentes linhas de pesquisa da Análise do Discurso a fim de distinguir novas unidades que permitam dar maior clareza às categorias trabalhadas nessa área, dentre as quais a FD é fundamental.

O autor considera que essa noção “sofre e se beneficia simultaneamente de uma dupla paternidade” (MAINGUENEAU, 2008, p.12), tendo sido inicialmente mobilizada por Foucault na *Arqueologia do saber* ([1969] 2008) para designar um “sistema de dispersão” – denominação paradoxal que gera diferenças de interpretação entre os pesquisadores – e posteriormente por Pêcheux e seu grupo (PÊCHEUX; HAROCHE; HENRY, 1971, p.148) que, inscritos na linha de pensamento marxista, a definiram como “o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de um discurso, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada”.

Maingueneau (2008, p.12) frisa a opacidade do conceito nessas acepções especialmente no que tange às questões de “posicionamento” e de “gênero” – considerados respectivamente como “a construção e a gestão de uma identidade em um campo discursivo” e os “dispositivos de comunicação verbal em cada sociedade” –, que não ocupam lugares específicos no procedimento de categorização. Enquanto Foucault tenta abarcar um “todo” disperso na busca pela regularidade – englobando fatores diversos, como “os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas”

(FOUCAULT, 2008 [1969], p.43) –, Pêcheux dá maior relevo à questão da *posição* ocupada na luta de classes, na chave de leitura althusseriana, de forma que “[...] o gênero do discurso parece ser exatamente o lugar onde se manifesta alguma coisa que, por essência, está escondido, seguindo nesse aspecto o modelo psicanalítico dominante na época” (MAINGUENEAU, 2008, p.14).

Constatando essa flutuação teórica em diversos trabalhos, que ora enfatizam um aspecto como fator de categorização das FDs, ora outro, ou utilizam o termo sem definição explícita, Maingueneau propõe uma distinção entre dois grandes tipos de unidades de trabalho dentro da Análise do Discurso: as *unidades tópicas*, que se dividem entre *unidades territoriais*, ancoradas em “espaços já ‘pré-delineados’ pelas práticas verbais” (MAINGUENEAU, 2008, p.16) – os “tipos de discurso”, conforme definição do autor –, e *unidades transversas*, que passam por gêneros diversos do discurso – registros linguísticos, funcionais ou comunicacionais –, e as *unidades não-tópicas*, que “são construídas pelos pesquisadores independentemente de fronteiras preestabelecidas [...] [e] agrupam enunciados profundamente inscritos na história” (MAINGUENEAU, 2008, p.18), e que se distinguem entre *formações discursivas*, mobilizadas em casos de corpus historicamente especificados e de gêneros diversos unificados por um ou mais “focos” (FDs unifocais ou plurifocais, respectivamente), e *percursos*. Devido ao caráter desta pesquisa, interessa-nos aqui sobretudo esta última categoria, sobre a qual nos debruçaremos.

Como já mostrado em trabalhos anteriores (BENITES, 2011; POSSENTI, 2010; VOSS, 2011), a noção de *percurso* proposta por Maingueneau (2008, p.23) é de grande importância para pesquisas sobre fórmulas discursivas no sentido de auxiliar e embasar teoricamente a prática metodológica desse tipo de estudo.

Segundo o autor, um *percurso* é constituído pela rede interdiscursiva estabelecida por um determinado sintagma linguístico (que pode ser uma unidade lexical, proposicional ou mesmo um fragmento de texto), de forma que o pesquisador consiga “[...] desestruturar as unidades instituídas, definindo percursos não esperados: a interpretação apóia-se, assim, sob a atualização de relações insuspeitas no interior do interdiscurso” (MAINGUENEAU, 2008, p.23). Ele cita como exemplo de trabalhos com *percurso* a pesquisa de Planque (2003), na qual “tratava-se, antes de tudo, de explorar uma dispersão, uma circulação, e não de relacionar uma sequência verbal a uma fonte enunciativa” (MAINGUENEAU, 2008, p.23).

A fórmula funciona, então, como um meio de “entrar” no corpus – algo como o que Guilhaumou e Maldidier (1986) denominaram “dispositivos de arquivo” –, permitindo uma coleta de textos mais interessante. Conforme Maingueneau (2009) afirma em uma entrevista, em trecho destacado também por Possenti (2010, p.105),

Uma pesquisa boa é aquela que transforma as hipóteses iniciais, que descobre coisas novas e isso implica uma entrada, achar uma entrada e muitas vezes uma entrada modesta, através de uma fórmula, de um conector, de uma metáfora, de uma frase, não sei, da tipografia, não sei, uma coisa que parece humilde, pode ser muito mais rentável, porque é uma maneira de ver o texto não através do conteúdo, porque senão o conteúdo sempre vai ter interpretação.

No entanto, Maingueneau lembra também que esse tipo de trabalho impõe algumas dificuldades. No curso de nossa pesquisa, nos deparamos com aquilo que ele chamou de o “reverso da moeda” de se atravessar múltiplas fronteiras: justificar as escolhas operadas (MAINGUENEAU, 2008, p.23). Assim, as questões e decisões que se nos impuseram serão discutidas no tópico 4, “Reflexões sobre metodologia e constituição do corpus”.

3.5 PRIMEIRAS ANÁLISES: UMA SEMÂNTICA GLOBAL DA CARTILHA *CULTURA DE PAZ: REDES DE CONVIVÊNCIA*

Como já havíamos exposto no projeto inicial, a Cartilha *Cultura de Paz: redes de convivência* (DISKIN, 2009) foi o primeiro material sobre a “cultura de paz” com o qual tivemos contato, e mostrou-se de importância fundamental para a nossa pesquisa devido à sua abrangência e ao seu didatismo, motivo pelo qual decidimos analisá-la mais detidamente.

Essa publicação traz tanto informações de datas e acontecimentos sobre o surgimento da “cultura de paz” quanto exemplos de ações realizadas por instituições bastante diversas que têm em comum o fato de a “cultura de paz” estar explicitamente entre seus objetivos – um dos critérios utilizados para a seleção das iniciativas que estariam na publicação. Entre elas, aparecem desde programas de educação e formação por parte de escolas, Universidades, Institutos Religiosos e ONGs, até o estabelecimento

de políticas públicas por algumas Secretarias Municipais. A respeito dessa multiplicidade, a própria cartilha afirma que

estão em curso no Brasil centenas de programas, projetos, iniciativas e ações de Cultura de Paz promovidas como políticas públicas em setores governamentais; como cursos de extensão e especialização em universidades públicas e privadas; em capacitações de educação permanente para professores, agentes penitenciários, forças de segurança, gestores sociais, pais/mães e cuidadores, agentes comunitários, artistas, articulando as competências de agências internacionais, governo, empresas, organizações não governamentais e instituições religiosas. (DISKIN, 2009, p.30)

A cartilha é tida aqui como um *gênero instituído*, tratando-se de uma unidade territorial que funciona como um “dispositivo sócio-histórico de comunicação” construído a partir de práticas verbais instituídas socialmente (MAINGUENEAU, 2006, p.16-17). Pela própria função de ensino e divulgação de um dado conteúdo, vemos a cartilha como um *gênero segundo*, que explicita uma “doutrina anteriormente constituída”, e *aberto*, cujo discurso é (e deve ser, nesse caso) reproduzível pelos mais variados leitores (MAINGUENEAU, 2006, p.48-9). Além disso, a Cartilha *Cultura de paz: redes de convivência* é também considerada aqui como texto fundador de práticas e discursividades, pois, apesar de recuperar outros *textos primários (fontes)*, busca, como característica constitutiva do gênero, “contribuir significativamente para a mudança de modelo mental e da construção de uma cultura colaborativa” (SOUZA¹⁶ apud DISKIN, 2009, p.3).

Ao tratar da ideia de “semântica global” em seu trabalho acerca do discurso humanista devoto e do discurso jansenista, Maingueneau (2008) mostra um procedimento de análise baseado nas variadas dimensões que contribuem para a construção dos efeitos de sentido de um discurso. Segundo o autor, essa forma de pensar “globalmente” o conjunto discursivo se justifica porque “não pode haver fundo, ‘arquitetura’ do discurso, mas um sistema que investe o discurso na multiplicidade de suas dimensões” (MAINGUENEAU, 2008, p.76)¹⁷.

¹⁶ Lourdes Alves de Souza, monitora de educação comunitária do SENAC São Paulo, autora do texto de apresentação da Cartilha.

¹⁷ Na mesma linha de raciocínio, poderíamos retomar aqui a noção de *enunciado* conforme definido por Foucault (*apud* GREGOLIN, 2004, p.26-31), concebido por ele como tendo quatro características fundamentais: (a) estar inserido no *nível enunciativo*, envolvendo relações não só da ordem da estrutura gramatical, lógica ou semântica, mas também dos sujeitos, da história e da própria materialidade em que se inscreve; (b) assinalar uma *posição de sujeito*, que não se identifica necessariamente com o autor da formulação, mas com “um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos

Para abordar essas questões em um material como a cartilha em questão, o esquema teórico-metodológico traçado por Maingueneau (2008) nos pareceu bastante funcional e elucidativo. Nesse momento, destacaremos quatro aspectos constitutivos desse funcionamento: o *vocabulário*, os *temas*, a *dêixis enunciativa* e o *estatuto do enunciador e do destinatário*.

Ao discutir o *vocabulário*, o autor chama a atenção para dois acontecimentos que vão ao encontro de tudo o que viemos tratando acerca das fórmulas discursivas: não se trata de pensar que cada discurso tenha um léxico “próprio”, mas “(...) que haja explorações semânticas contraditórias das mesmas unidades lexicais pelos diferentes discursos”, e que as palavras extrapolam o que seriam suas “virtualidades de sentido em língua”¹⁸ para “(...) adquirir o estatuto de signos de pertencimento” (MAINGUENEAU, 2008, p.80-81). Trata-se, no caso das fórmulas, da manifestação de suas características intrínsecas de se inscreverem em uma *dimensão discursiva* e de se tornarem um *referente social*, como visto anteriormente.

Para além da forma linguística da fórmula em si, chamamos a atenção para os tipos de verbos que majoritariamente se associam a ela na cartilha e que evidenciam essa condição de *referente social*, colocando-a sempre na função de paciente: “promover”, “disseminar”, “desenvolver” (com a nominalização “desenvolvimento da ...”), “apresentar”, “divulgar” [a “cultura de paz”].

Ligando-se à questão do *vocabulário*, mas em um nível discursivo mais acentuado, a dimensão dos *temas* se encontra na gênese do sintagma “cultura de paz”, e é, então, muito cara a este trabalho. A opacidade desses “temas-conceitos” que originam a ideia da “cultura de paz” cria um terreno fértil para a polêmica discursiva, e a disputa entre os discursos que mobilizam a fórmula torna difícil especificar o conjunto do que seriam os *temas impostos* e *temas específicos* (MAINGUENEAU, 2008, p.84). Lembramos, por exemplo, a marginalização que pudemos verificar do tema do “desarmamento” que,

diferentes; (...) variável o bastante para poder continuar idêntico a si mesmo, através de várias frases, bem como para se modificar a cada uma” (apud GREGOLIN, 2004, p.28);(c) *ter sempre margens povoadas de outros enunciados*, estando imerso numa “rede verbal” e fazendo sentido somente nas relações estabelecidas com ela; e (d) ter uma *existência material* (apud GREGOLIN, 2004, p.30-31), que pode ser “uma substância, um suporte, um lugar, uma data”, que seja de alguma forma *repetível*, passível de reinscrição e transcrição.

¹⁸ Que podem ser pensadas como a definição do *valor* em Saussure (2001). Para o autor, a linguagem é entendida através da combinação de dois conceitos: a língua [*langue*], que é sua estrutura virtual, apreendida passivamente pelos falantes, e a fala [*parole*], manifestação individual desse sistema. O *valor*, subentendido nesse sentido “virtual” de que trata Maingueneau, está no nível da *língua*, e só pode ser determinado em função dos outros elementos desse sistema. Já o “estatuto de signos de pertencimento” se encontra em outra dimensão: a *discursiva*.

inicialmente, pensamos ser *imposto*, e sua substituição pelo da “segurança” nos documentos publicados durante o que pensamos ser o período inicial de estabelecimento da fórmula e mesmo na cartilha em questão. Da mesma forma, o tema *imposto* da “comunicação participativa e livre fluxo de informações e conhecimentos”, assim categorizado por fazer parte das oito premissas da “cultura de paz” conforme os documentos apresentados inicialmente e, no caso da cartilha, como uma das áreas do Manifesto 2000 – único momento dela em que esses tópicos aparecem –, que em nenhum momento é tratado como um dos objetivos do movimento, somente como “instrumento” que permite ao leitor se tornar um ativista.

A *déixis enunciativa*, entendida como “(...) o conjunto de localizações no espaço e no tempo que um ato de enunciação apresenta” (MAINGUENEAU, 2008, p.88) e que, no discurso, se manifesta como parte da semântica global na qual ele se inscreve, é construída na cartilha logo após a apresentação, na seção “Mudanças em alto mar”. A autora descreve aí diversas mudanças pelas quais o mundo passou, dando ênfase às tecnologias de comunicação, do surgimento da internet à sua democratização (é citado o “conceito” “cidadania planetária”), e ao surgimento e multiplicação das ONGs desde a década de 1990 com a “(...) mobilização da sociedade civil para dar conta de suas necessidades, insuficientemente ou não-atendidas pelo Estado nem pelo mercado” (DISKIN, 2009, p.8). Essa *cena* de inclusão digital e agitação popular é propícia para a proposta da cartilha, que, como mostramos a seguir, é colocar o leitor como centro das diversas ações que podem ser realizadas em prol da “cultura de paz”.

Chegamos assim à dimensão do *estatuto do enunciador e do enunciatário*. Conforme Maingueneau (2008, p.87), “cada discurso define o *estatuto* que o enunciador deve se atribuir e o que deve atribuir a seu destinatário para legitimar seu dizer”. No caso da cartilha, ambos se inscrevem numa nova forma de viver, que promova a “transformação de uma cultura de violência em uma cultura de convivência” (DISKIN, 2009, p.15, título da segunda seção da cartilha). A “fonte de saber” invocada por ela se materializa na figura de Mahatma Gandhi, manifestada por meio de ilustrações emblemáticas do líder em vestes brancas simples e posição de meditação em meio a diversas aforizações de suas falas, presentes ao longo da cartilha.

Dentre os enunciados destacados, observamos aqui os dois que consideramos serem os principais para a relação entre os agentes da comunicação. O primeiro se encontra logo na primeira página, e o outro na apresentação da cartilha: “Nunca duvide de que um pequeno grupo de cidadãos conscientes e engajados consiga mudar o mundo.

Na verdade, essa é a única via que conseguiu produzir mudanças até agora”¹⁹ (MEAD *apud* DISKIN, 2009, p.1), e “Devemos ser a mudança que queremos ver no mundo” (GANDHI *apud* DISKIN, 2009, p.2).

Esses enunciados estabelecem uma espécie de contrato entre o *enunciador* e o *enunciatário*, sendo que este último, como dissemos anteriormente, é colocado na posição de potencial “agente” da “cultura de paz”. Essa hipótese é confirmada nas subseções que se seguem, “Pedagogia do sabão” e “Rede de mulheres liberianas”, em que a cartilha traz dois exemplos dispares²⁰ “(...) do poder transformador que pode ter um pequeno grupo de pessoas mobilizadas por uma causa comum (...) (DISKIN, 2009, p.13). Ao final da página, fechando essa seção, a conclusão recupera um ditado popular para selar o acordo: “Moral da história: contrariando o senso comum, às vezes uma andorinha faz verão!”

Pesquisando sobre o gênero cartilha, percebemos que foram poucos os pesquisadores que se inclinaram sobre esse objeto. Mas, dentre eles, achamos interessante o trabalho de Mozdzenski (2007), que, antes de abordar especificamente a “cartilha jurídica”, recupera as origens desse fazer discursivo enquanto suporte para a doutrinação cristã da população no século XVI, até chegar aos dias de hoje:

Como ‘herança’ das cartilhas de outrora, as atuais cartilhas educativas constroem uma determinada ‘representação de verdade’, “trazendo consigo uma certa credibilidade informativa com uma função normativa e reguladora de mostrar ao indivíduo como se deve agir diante das relações e ações sociais” (GOMES, 2003, p. 157). Ou seja, para que consigam alcançar os seus propósitos – e, por extensão, os propósitos dos produtores do texto –, as pessoas devem seguir as normas e orientações estipuladas nas cartilhas, sem questioná-las. (MODZENSKI, 2007, p.1212)

No capítulo “Gêneros instituídos: limites, fronteiras, liames, percursos”, Salgado mostra por meio da análise de textos variados que, mesmo em um documento em que se pressupõe uma certa estrutura, expressiva de um certo tipo de conteúdo relativo a um

¹⁹ Essa aforização se encontra sozinha, no meio da página inicial, inserida em uma caixa de texto no formato de um “balão de fala”. Diferentemente de Gandhi, a autora desse enunciado, Margaret Mead, que descobrimos ser uma antropóloga americana, não é retomada em nenhum outro momento da cartilha.

²⁰ O primeiro, de um educador que, abrindo a escola para a comunidade e permitindo que as mães fizessem sabão, colocou-as no “lugar de produtor[as]”, passando a incentivar essa prática com diversas outras coisas (remédios, brinquedos) e chegando a criar uma cooperativa comunitária. O segundo, de uma liberiana chamada Leymah Gbowee que em 2002 formou um grupo de mulheres para lutar, pacificamente, por um acordo de paz em seu país, e que segundo a cartilha “é hoje [2009] Diretora Executiva do Women Peace and Security Network for Africa, e consultora da presidente para assuntos de reconstrução democrática do seu país” (DISKIN, 2009, p.13).

determinado gênero instituído, podemos encontrar singularidades, as quais, no entanto, “(...) não podem sobrepor-se a certas expectativas (...), sob pena de não ser reconhecido como tal, ficando sem legitimidade enunciativa” (SALGADO, 2011, p.221). Nessa cartilha, que é assim denominada pelos próprios autores, notamos uma subversão essencial da estrutura tradicional do gênero. Ao invés de propor “normas e orientações” bem delimitadas, vemos que a proposta é justamente o oposto: “inspirar iniciativas” (DISKIN, 2009, p.3), apresentando uma diversidade de ações realizadas em nome da “cultura de paz”, a qual, como mostramos, em nenhum momento é objeto de definições ou especificações objetivas. Esse fato é interessante porque materializa a polêmica discursiva da fórmula na própria forma de constituição da cartilha, ilustrando a fala de Salgado (2011, p.222) acerca das flutuações dos limites dos gêneros discursivos como resultado do jogo de forças discursivas:

(...) há sempre um conjunto de movimentos entre tais limites e, permanentemente, a tessitura de liames. As diversas ligações entre discursividades também as definem como *discursivizações* e, então, por definição, as fronteiras são o tempo todo ameaçadas e novamente demarcadas, condicionadas que estão ao jogo de forças estabelecidas historicamente. Um cerco prenhe de escapes.

4. REFLEXÕES SOBRE METODOLOGIA E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

4.1 O CORPUS – ALTERAÇÕES E JUSTIFICATIVA

Confirmando o posicionamento de Guilhaumou e Maldidier (1986, p.164) de que “o arquivo nunca é dado *a priori*”, com o andamento da pesquisa notamos, resumidamente, que:

- a) a utilização dos dois jornais de maior circulação no Brasil, Folha de S. Paulo e Estado de S.Paulo, como parte do corpus desta pesquisa, embora tivesse sido tomada como uma coleta de dados numa fonte “óbvia”, mostrou-se um tanto dificultosa no que diz respeito ao acesso às informações, configurando-se em um dado discursivo de interesse, que discutiremos no tópico 4.2.1;

- b) a restrição a documentos e jornais impressos na composição do *cópus* não seria suficiente para abranger a efetiva circulação da fórmula, que tem como característica intrínseca a dispersão por diferentes dispositivos e posicionamentos, além de uma farta frequência em documentos digitais bastante variados;
- c) a saída a campo para a coleta de dados mostrou, portanto, que há questões de ordem técnica e de ordem institucional, com implicações recíprocas, que tornam a discussão metodológica necessária e interessante, na medida em que desautomatiza esse procedimento e revela que o estudo da circulação de materiais linguísticos, sobretudo na internet, não pode prescindir da reflexão sobre *como se busca* e *como funcionam* as plataformas, os acervos etc. dos quais se faz uso.

Dada a imensidade de possibilidades de difusão da informação no atual período, definido pelo geógrafo Milton Santos como período técnico-científico informacional²¹ (2008; 2011), e considerando que “o mundo globalizado se funda numa ‘imprescindibilidade do discurso’, da qual o ciberespaço é uma materialização expressiva” (SALGADO; ANTAS JR., 2011, p.259), sentimos a necessidade de realizar pesquisas também no âmbito da Web 2.0, que permitiu, desde sua instauração em 2004, uma maior inserção de pessoas e instituições como produtoras e difusoras de informações na rede (Cf. CASTELLS (2003); JOHNSON (2001)). O fato de esse ambiente virtual interativo estar cada vez mais naturalizado como parte do cotidiano de grande parte da população brasileira²² torna, a nosso ver, cada vez mais premente que os estudos acadêmicos o levem em consideração.

Guilhaumou e Mالدidier (1986, p.164) já vislumbravam esse aspecto da constituição do arquivo quando refletiam sobre esse ponto dentro do próprio

²¹ Para Mattelart (2005), também, as tecnologias da informação e da comunicação são consideradas como uma das duas principais revoluções do terceiro milênio, colocadas lado a lado com a engenharia genética e tidas como “instrumento de reordenação do mundo” (MATTELART, 2005, p.10).

²² Segundo notícia do portal Tele.síntese (2012), que tem como base relatórios do Ibope Media, no terceiro semestre de 2012 o total de pessoas com acesso a internet no Brasil foi de 94,2 milhões. Considerando aqueles que têm o acesso disponível em casa, inclusive crianças e adolescentes, são 85,3 milhões de pessoas, “representando crescimento de 2,4% sobre os 83,4 milhões do trimestre anterior e de 8,8% sobre os 78,5 milhões do terceiro trimestre de 2011”.

desenvolvimento da Análise do Discurso – ainda que não pudessem, à época, estimar a dimensão que essa questão tomaria:

Inicialmente presa ao gênero do discurso político, a análise do discurso clássica não tinha nenhuma necessidade de diversificação do arquivo. No entanto, a partir da busca por aquilo que instala o social no interior do político, não pudemos mais ignorar a multiplicidade de dispositivos textuais disponíveis. Vemos que a análise do discurso ampliou seu campo de investigação: do interesse pelo discurso doutrinário ou institucional, ela passou ao que poderíamos chamar a história social dos textos.

Para dar cabo de preencher essa lacuna em nosso corpus, decidimos realizar pesquisas por meio do buscador *Google Search*, utilizando como “dispositivos de arquivo” (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1986) as sequências “cultura de paz”, “cultura da paz” e “cultura para a paz”, contemplando outras ocorrências que não somente as entidades e projetos indicados pela obra *Cultura de paz: da reflexão à ação - Balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo* (DISKIN; NOLETO, 2010), pelo *Relatório Mundial de Cultura de Paz* (ADAMS, 2007) e pelo último relatório sobre a Década, *Report on the Decade for a Culture of Peace: Final Civil Society Report on the United Nations International Decade for a Culture of Peace and Non-violence for the Children of the World (2001-2010)* (ADAMS *et al.*, 2011), buscando contemplar mobilizações diferentes da fórmula, nas situações mais diversas possíveis.

Essa decisão implicou diversos questionamentos principalmente de ordem metodológica, sobre os quais nos debruçamos nesse momento da pesquisa e expomos brevemente no tópico 4.2.2.

4.2 FERRAMENTAS DE PESQUISA E DE ANÁLISE

4.2.1 ACERVOS DIGITAIS DOS JORNAIS

Logo no início do projeto nos deparamos com nossa primeira grande dificuldade: a restrição do acesso aos acervos de dois dos jornais que estavam propostos como corpus, Folha de S. Paulo (FSP) e Estado de S. Paulo (ESP).

A FSP tem disponibilizado o acervo on-line por período determinado, mas como a impressão página a página é trabalhosa e impossibilita o acesso à totalidade de cada número editado do jornal, entramos em contato com o banco de dados do jornal para ver

se haveria a possibilidade de conseguir as edições completas, e recebemos a seguinte resposta:

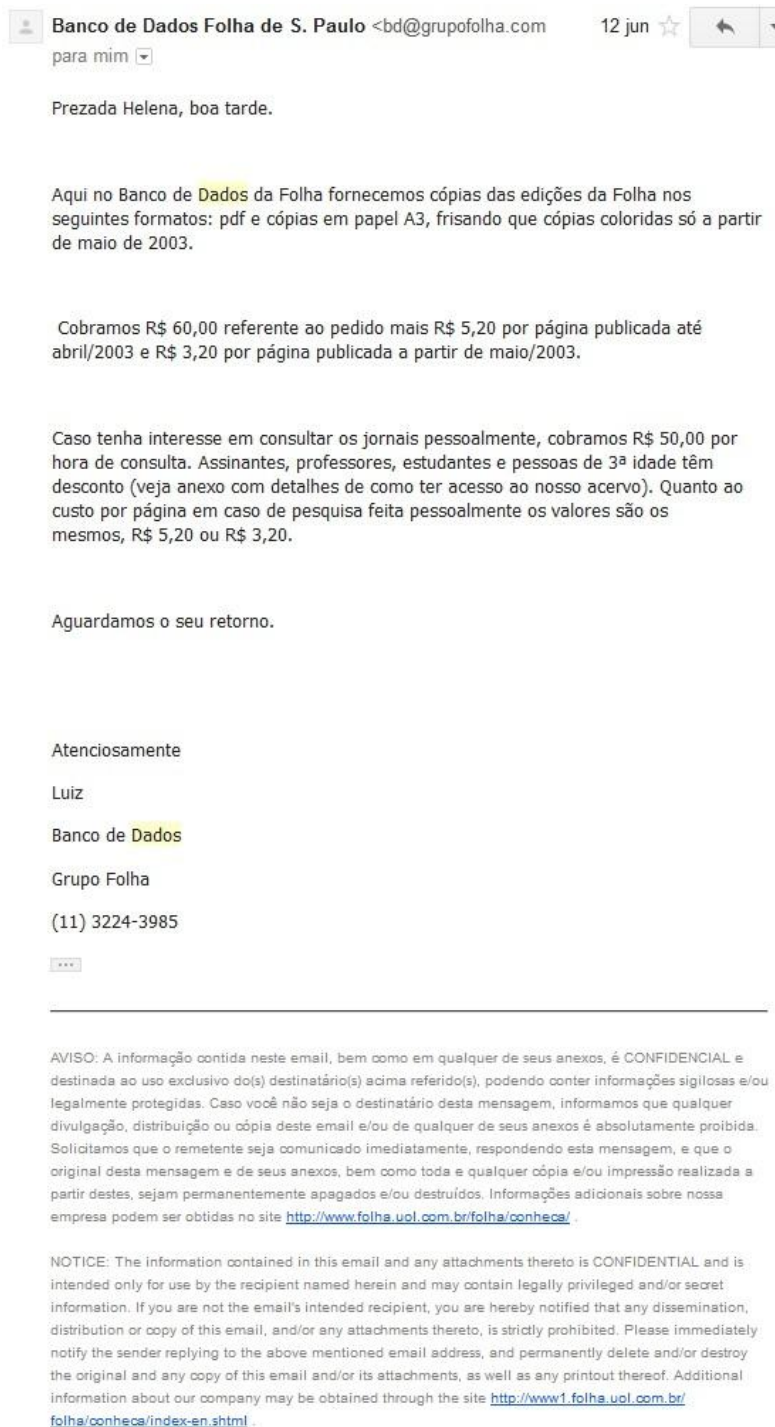


Figura 1: Resposta do Banco de Dados da FSP sobre consulta ao acervo.

O acesso ao material completo de uma pesquisa mais extensa, com qualidade de impressão e em formato compatível com ferramentas de análise textual, é, portanto, praticamente impossibilitado devido ao custo elevado do acesso às informações. Foi necessário, portanto, fazer a busca via acervo digital e imprimir manualmente as edições no único formato disponibilizado por eles (.pdf), que importa o texto como imagem.

A “busca detalhada” na plataforma disponibilizada pelo site em edições lançadas até 31 de dezembro de 2010 mostrou um total de: 37 ocorrências da sequência “cultura de paz”, em 31 edições diferentes; 28 ocorrências de “cultura da paz”, em 28 edições; e nenhuma ocorrência de “cultura para a paz”. Na tabela, as repetições de ocorrências “iguais” (na mesma matéria, porém em cidades diferentes) foram agrupadas dentro de uma mesma numeração, e as edições foram separadas pelas linhas da tabela por dia de publicação.

The image shows the 'acervo FOLHA' website interface. At the top, there's a blue header with the logo 'acervo FOLHA' and a yellow starburst icon indicating 'Acesso gratuito no período de divulgação'. Below the header is a search bar with the text 'busca' and a placeholder 'Digite aqui'. To the right of the search bar are buttons for 'Jornais', 'Desde 1921', and 'OK'. Further right are buttons for 'Busca detalhada' and 'FOLHA DE S.PAULO'. Below the search bar is a form titled 'Busca detalhada'. The form has several sections: 'Busca detalhada' with radio buttons for 'Folha de S.Paulo' (selected), 'Folha da Manhã', and 'Folha da Noite'; a section for search criteria with four radio buttons: 'com todas as palavras', 'com a frase exata' (with a text input field containing 'cultura de paz'), 'com pelo menos uma das palavras', and 'sem as palavras'; a section for date selection with two sub-sections: 'Escolha o período' (with 'De' and 'Até' fields, where 'Até' is set to '31/12/2010') and 'Escolha a data exata' (with 'Dia', 'Mês', and 'Ano' dropdown menus); and a section for 'Caderno' and 'Tema' with 'Todos' as the selected option for both. At the bottom of the form is a blue button labeled 'BUSCAR'.

Figura 2: Modo de realização das buscas no acervo (FSP).

acervoFOLHA Acesso gratuito ao período de digitalização

busca Digite aqui: Jomais Desde 1921 OK Busca detalhada FOLHA DE S.PAULO

Resultados de busca detalhada (46 páginas)

Folha de S.Paulo	13/02/2009	Guia da Folha	página GR72
Folha de S.Paulo	24/10/2008	Guia da Folha	página GR37
Folha de S.Paulo	24/10/2008	Guia da Folha	página GR39
Folha de S.Paulo	17/10/2008	Guia da Folha	página GR13
Folha de S.Paulo	17/10/2008	Guia da Folha	página GR20
Folha de S.Paulo	17/10/2008	Guia da Folha	página GR58
Folha de S.Paulo	12/10/2008	Revista da Folha	página GR38
Folha de S.Paulo	10/10/2008	Guia da Folha	página GR19
Folha de S.Paulo	10/10/2008	Guia da Folha	página GR26
Folha de S.Paulo	10/10/2008	Guia da Folha	página GR70
Folha de S.Paulo	03/10/2008	Guia da Folha	página GR15
Folha de S.Paulo	05/10/2007	Guia da Folha	página GR11
Folha de S.Paulo	28/09/2007	Guia da Folha	página GR77
Folha de S.Paulo	29/07/2003	Sinapse	página 17
Folha de S.Paulo	19/06/2003	Folha Ribeirão	página 20

Figura 3: Exibição dos resultados encontrados (FSP).

Disponibilizamos abaixo, na forma de tabela, as listas completas do resultado das buscas:

Resultados obtidos na plataforma da FSP para a sequência “cultura de paz” em pesquisa abrangendo até a data de 31/11/2011			
	Data	Caderno	Página
1.	13/02/2009	Guia da Folha	GR72
2.	24/10/2008	Guia da Folha	GR37
3.	24/10/2008	Guia da Folha	GR39
4.	17/10/2008	Guia da Folha	página GR13
5.	17/10/2008	Guia da Folha	página GR20
6.	17/10/2008	Guia da Folha	página GR58
7.	12/10/2008	Revista da Folha	página GR38
8.	10/10/2008	Guia da Folha	página GR19
9.	10/10/2008	Guia da Folha	página GR26
10.	10/10/2008	Guia da Folha	página GR70
11.	03/10/2008	Guia da Folha	página GR15
12.	05/10/2007	Guia da Folha	página GR11
13.	28/09/2007	Guia da Folha	página GR77
14.	29/07/2003	Sinapse	página 17

15.	19/06/2003	Folha Ribeirão	página 20
16.	15/01/2003	Folha Campinas	página 2
		Folha Ribeirão	página 2
		Folha Vale	página 2
		Cotidiano	página 2
17.	29/10/2002	Eleições	página 2
18.	06/08/2002	Ilustrada	página 5
19.	28/05/2002	Ilustrada	página 2
20.	25/11/2001	Primeiro Caderno	página 5426746
21.	28/10/2001	Primeiro Caderno	página 97933
22.	22/10/2001	Folha Vale	página 5
		Folha Campinas	página 5
23.	09/07/2001	Folha Vale	página 6
24.	29/09/2000	Primeiro Caderno	página 679652
25.	19/09/2000	Cotidiano	página 3
26.	11/09/2000	Folhateen	página 5
27.	09/09/2000	Ilustrada	página 5
28.	07/07/2000	Cotidiano	página 699145
		Folha Campinas	página 699305
29.	07/07/2000	Folha Ribeirão	página 699330
		Folha Vale	página 699361
30.	16/05/2000	Folha Campinas	página 5
		Folha Ribeirão	página 5
		Folha Vale	página 5
31.	30/01/2000	Mais!	página 680245
32.	14/09/1999	Mundo	página 3
33.	13/09/1999	Ilustrada	página 2
34.	30/07/1999	Primeiro Caderno	página 664448
35.	29/10/1998	Primeiro Caderno	página 3
36.	06/10/1998	Primeiro Caderno	página 3
37.	14/04/1997	Ilustrada	página 7

Tabela 1: Lista de resultados encontrados na busca pela sequência “cultura de paz” (FSP).

“cultura da paz” em pesquisa abrangendo até a data de 31/11/2011		
Data	Caderno	Página
1. 08/09/2006	Guia da Folha	página GR4
2. 31/10/2004	Revista da Folha	página GR34
3. 31/05/2003	Primeiro Caderno	página 16
4. 15/03/2003	Ilustrada	página 1
5. 24/02/2003	Turismo	página 12
6. 20/11/2002	Folha Ribeirão	página 3
7. 03/11/2002	Folha Campinas	página 92967
	Folha Vale	página 93013
	Cotidiano	página 93023
8. 16/09/2002	Ilustrada	página 4
9. 01/05/2002	Ilustrada	página 7
10. 10/10/2001	Folha Ribeirão	página 1
11. 22/05/2001	Mundo	página 2
12. 23/02/2001	Cotidiano	página 1260
13. 15/02/2001	Ilustrada	página 4
14. 29/09/2000	Primeiro Caderno	página 679652
15. 11/09/2000	Folhateen	página 5
16. 04/07/2000	Primeiro Caderno	página 2
17. 22/05/2000	Folha Vale	página 3
18. 17/05/2000	Mundo	página 1
19. 31/12/1999	Primeiro Caderno	página 671063
20. 04/10/1999	Primeiro Caderno	página 3
21. 30/07/1999	Primeiro Caderno	página 664448
22. 11/07/1999	Primeiro Caderno	página 604596
23. 29/10/1998	Primeiro Caderno	página 3
24. 09/08/1998	Primeiro Caderno	página 592579
25. 28/12/1996	Primeiro Caderno	página 2
26. 13/12/1992	Primeiro Caderno	página 4775874
27. 05/01/1988	Primeiro Caderno	página 28
28. 01/09/1977	Primeiro Caderno	página 5

Tabela 2: Lista de resultados encontrados na busca pela sequência “cultura da paz” (FSP).

O acervo do ESP, da mesma forma, embora tenha ficado durante um tempo disponível ao público, atualmente é restrito aos assinantes. Não-pagantes podem fazer pesquisas, ver a quantidade de resultados da busca e ter acesso a alguns gráficos de ocorrências por ano (que mostraremos mais adiante), mas a página completa é restrita, sendo disponibilizado somente um recorte bem pequeno da página em que o sintagma buscado se encontra:

12/04/2007, QUINTA-FEIRA, PÁGINA c6

● EDIÇÃO NACIONAL

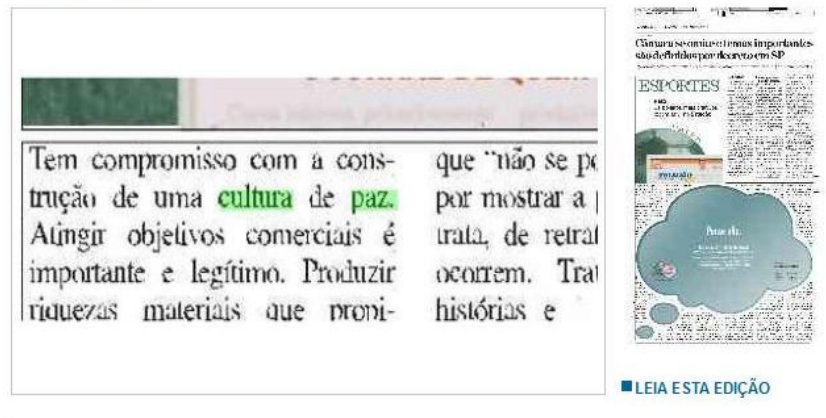


Figura 4: Recorte de página disponibilizado pelo acervo a não-pagantes (ESP).

Clicando no *zoom*, para poder ler toda a página, surge uma tela pedindo o *login* do usuário:



Figura 5: Pedido de *login* para acesso à página completa do acervo (ESP).

Não conseguimos entrar em contato direto com a equipe do periódico para saber se haveria a possibilidade de realizar uma consulta direta ao acervo, pois sucessivos e-

mails enviados tanto ao endereço do Banco de Dados indicado pelo site (arquivo.ae@grupoestado.com.br) quanto ao e-mail da Agência Estado (midiaae@grupoestado.com.br) indicado pelo serviço de atendimento (falecom.estado@grupoestado.com.br) retornaram automaticamente:



Figura 6: Falha na entrega de e-mail enviado ao Banco de Dados segundo endereço indicado no site do jornal (ESP).

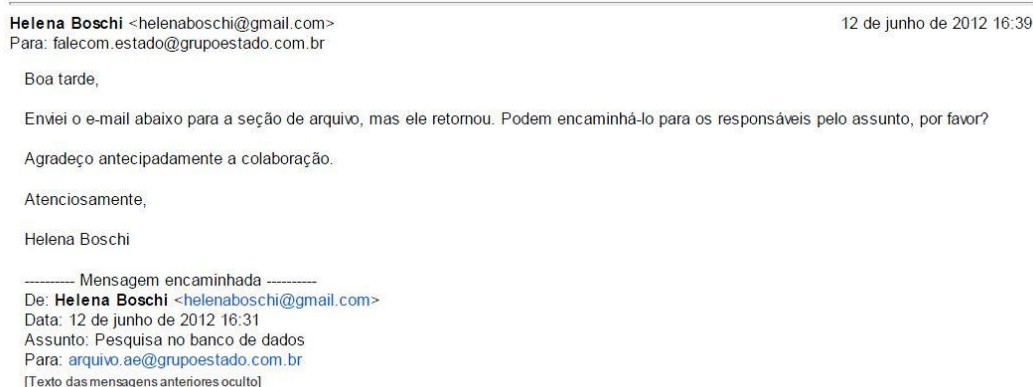


Figura 7: Envio de e-mail ao serviço de atendimento do jornal (ESP).

Carlos Eduardo Entini <Carlos.Entini@grupoestado.com.br> 18 de junho de 2012 14:33
Para: Falecom Estado <falecom.estado@grupoestado.com.br>, "helenaboschi@gmail.com" <helenaboschi@gmail.com>

Olá Helena,

O Acervo com 137 anos de jornal está on-line: <http://acervo.estadao.com.br>

Se as imagens não forem suficientes para seu trabalho, basta comprá-las na Agência Estado.

Quando tiver a seleção em mãos, envie um e-mail para eles para que seja feito o orçamento (midiaae@grupoestado.com.br).

Desde já agradeço sua atenção,

CE Entini

3856-2867

De: Falecom Estado
Enviada em: segunda-feira, 18 de junho de 2012 14:01
Para: Carlos Eduardo Entini
Assunto: ENC: Pesquisa no banco de dados

De: Falecom Estado
Enviada em: segunda-feira, 18 de junho de 2012 13:56
Para: Edmundo Leite
Assunto: ENC: Pesquisa no banco de dados

De: Helena Boschi [mailto:helenaboschi@gmail.com]
Enviada em: segunda-feira, 18 de junho de 2012 09:05
Para: Falecom Estado
Assunto: Re: Pesquisa no banco de dados

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Figura 8: Resposta do jornal com indicação de e-mail da Agência Estado (ESP).



Helena Boschi <helenaboschi@gmail.com>

Orçamento - edições passadas do jornal

2 mensagens

Helena Boschi <helenaboschi@gmail.com>
Para: midiaae@grupoestado.com.br

30 de julho de 2012 21:34

Olá,

Sou mestranda da Universidade Federal de São Carlos, e estou fazendo uma pesquisa sobre a Cultura de Paz.

Gostaria de saber se poderia ter acesso às edições em que esse termo aparece, e, se for o caso, quanto custaria para obtê-las impressas ou em .pdf.

São elas: <http://acervo.estadao.com.br/procura/#!/%22Cultura+de+Paz%22/Acervo/acervo>

Agradeço antecipadamente a colaboração, e aguardo um retorno.

Atenciosamente,

Helena Boschi

postmaster@grupoestado.com.br <postmaster@grupoestado.com.br>
Para: helenaboschi@gmail.com

30 de julho de 2012 21:34

Delivery has failed to these recipients or groups:

midiaae@grupoestado.com.br

The e-mail address you entered couldn't be found. Please check the recipient's e-mail address and try to resend the message. If the problem continues, please contact your helpdesk.


Figura 9: Falha na entrega de e-mail enviado à Agência Estado pelo endereço indicado (ESP).

Foi necessário, portanto, efetivar a assinatura digital do jornal, mas ela também se mostrou complicada. A plataforma do site, cuja tela é a que segue abaixo, apresentou falhas no momento do envio dos dados:

https://seguro2.estadao.com.br/assine/estadao_total/digital/assinar.htm

tb :: Login

Assine o ESTADÃO DIGITAL e acesse o melhor conteúdo em diferentes formatos



Leia o Estadão todos os dias através do seu Tablet ou Computador.

De um jeito mais moderno e fácil de navegar, o Estadão explora com maior interatividade o conteúdo, para você ler as notícias a qualquer hora e lugar.

FALE CONOSCO

Por apenas
R\$
29,90*
/ mês

QUERO TROCAR A PROMOÇÃO

- Pesquise as edições dos 5 últimos anos do Estadão;
- Imprima, envie notícias e fotos por email;
- Tenha acesso as próprias páginas do jornal digitalizadas;
- Acesso ilimitado ao **Estadão Acervo Digital**, o maior arquivo de notícias do país. São 137 anos de história com matérias e reportagens desde 1875.
- **Estadão Noite**
Análise das notícias do dia e o que esperar para o dia seguinte;
- **Estadão Fotos**
O melhor do fotojornalismo da semana;
- Download das edições para ler enquanto estiver offline.

Oferta válida até 31/12/2012, apenas para novas assinaturas. Condição de pagamento: cartão de crédito, R\$ 29,90 ao mês. Edição Tablet disponível para Android 3.0 ou superior e iOS e Edição Impressa não disponível para Android. Em caso de dúvida, acesse: www.assineo.estadao.com.br/faleconosco

QUER SABER? ESTADÃO

Cadastro

Veja como é fácil fazer a sua assinatura. Basta seguir os passos abaixo para a realização de cadastro:

(*) Preenchimento obrigatório

Nome Completo*:

Telefone*: Celular*:

E-mail*:

Estado*: Cidade*:

ASSINAR

Figura 10: Plataforma de assinatura digital do jornal (ESP).

Após preencher os campos e enviar a assinatura, o site respondia com uma mensagem de erro:

https://seguro2.estadao.com.br/assine/estadao_total/digital/assinar.htm

tb :: Login

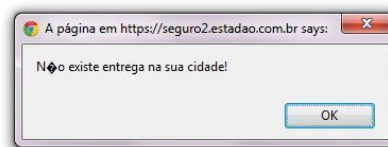


Figura 11: Mensagem de erro exibida após envio dos dados para assinatura (ESP).

No dia seguinte, o ESP entrou em contato por telefone e, apesar de realizarmos todo o procedimento para a assinatura, vinte dias depois ainda não tínhamos obtido o código de acesso, de maneira que foi necessário novo contato para que o enviassem por e-mail.

No início de nossa pesquisa, havíamos encontrado, inicialmente (maio de 2012), um total de 151 ocorrências, assim distribuídas²³:



Figura 12: Gráfico com resultado da busca pelo termo “cultura de paz” em todo o acervo (ESP, maio de 2012).

Em um segundo momento (final de julho de 2012), retornando às buscas por conta do acesso à edição integral das edições, encontramos, inesperadamente, um resultado diferente, com a mesma pesquisa:

²³ Gráfico acessível a não-pagantes.

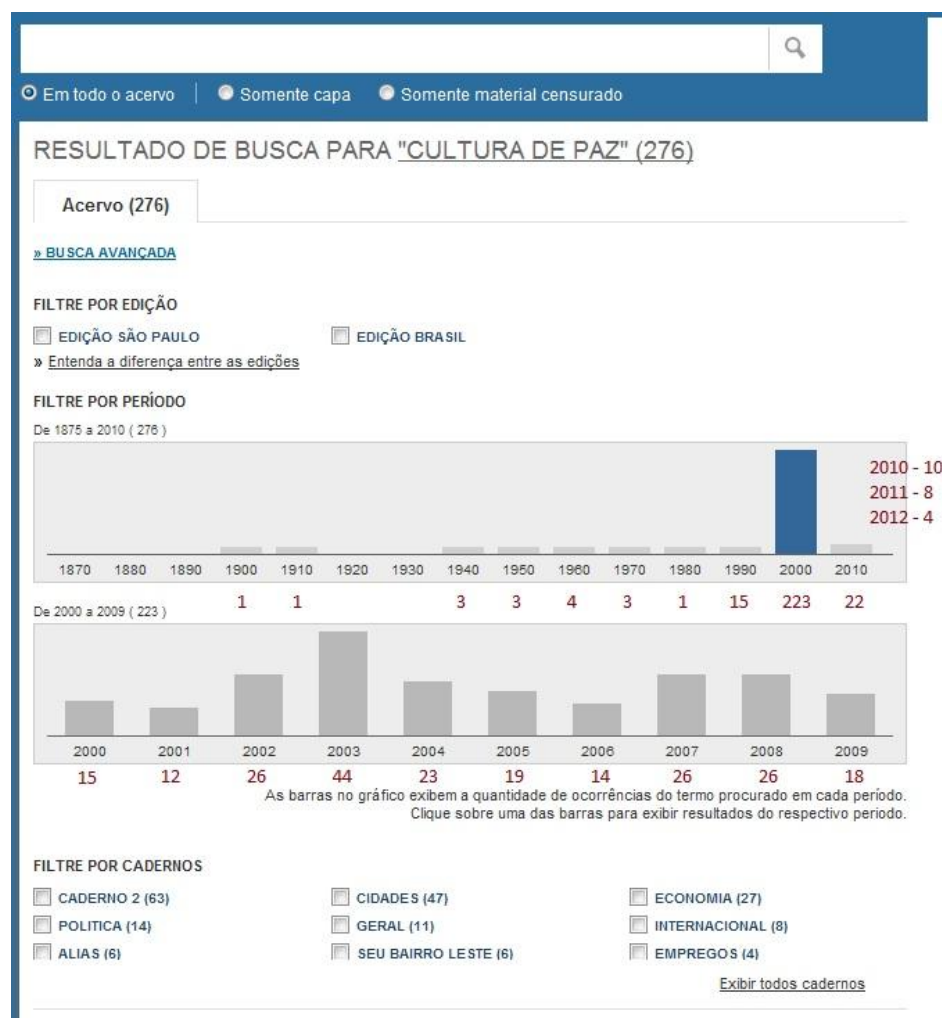


Figura 13: Gráfico com resultado da busca pelo termo “cultura de paz” em todo o acervo (ESP, julho de 2012).

Como se vê, houve uma flutuação nos resultados das pesquisas do acervo. Ao mesmo tempo em que isso impõe uma dificuldade para trabalhos como o nosso, é interessante do ponto de vista discursivo, pois indicia um provável refinamento técnico implantado na plataforma no período, possibilitando uma melhor detecção de sequências linguísticas. Refazendo a busca mais recentemente, a fim de averiguar se haveria novas mudanças, não encontramos diferença nos resultados (somente 4 ocorrências a mais em 2012, em edições posteriores à busca).

No entanto, mesmo com a diferença dos resultados obtidos, é importante notar que a concentração das ocorrências no período de 2000 a 2009 mostra que houve, realmente, um aumento da circulação do sintagma em questão nesse período, reforçando

a nossa hipótese de seu funcionamento enquanto fórmula discursiva – que será verificada por análises mais acuradas das ocorrências na segunda etapa da pesquisa.

Tínhamos nesse momento, então, um total de 276 ocorrências, mas notamos que a plataforma de busca desse jornal não diferencia as sequências “cultura de paz”, “cultura da paz” e “cultura para a paz”, e traz matérias repetidas em edições diferentes, de forma que se tornou necessário um refinamento desse resultado.

Optamos então por selecionar somente as edições “Brasil”, que, conforme explicação do jornal (proveniente do link “entenda a diferença entre as edições”, que pode ser visto nas imagens acima), são as que circulam nacionalmente, e que têm, portanto, a mesma abrangência dos dois outros jornais que selecionamos para esta pesquisa:

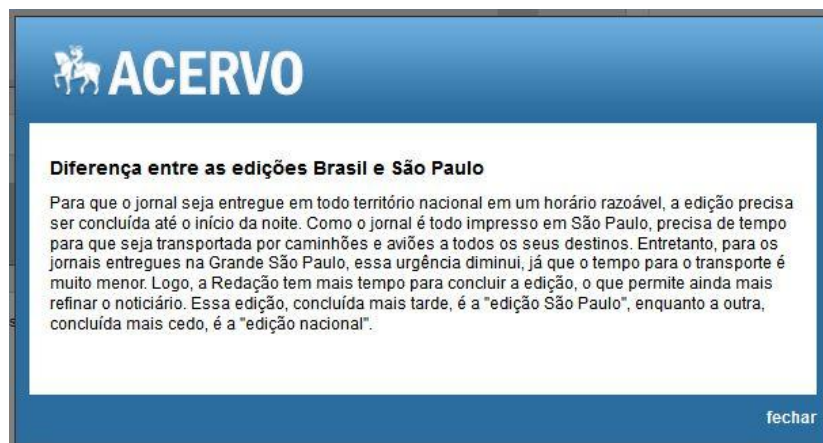


Figura 14: Mensagem sobre a “diferença entre as edições Brasil e São Paulo” (ESP).

Com esse filtro, ficamos com a seguinte distribuição num total de 141 ocorrências iniciais:



Figura 15: Gráfico com resultado da busca pelo termo “cultura de paz” somente na Edição Brasil (ESP, julho de 2012).

Disponibilizamos abaixo, na forma de tabela, a lista do resultado da busca, da qual excluímos as 4 ocorrências de 2012 e marcamos com um risco as que, com certeza, não dizem respeito à fórmula em questão. Notamos que o buscador desse jornal é menos preciso que o da FSP, de maneira que várias ocorrências são indicadas pela proximidade entre as palavras “cultura” e “paz”, e não necessariamente a sequência “cultura de paz”. Optamos por manter aquelas que poderiam, potencialmente, substituir a fórmula em questão; no entanto, ainda é necessária uma leitura mais cuidadosa do levantamento para delimitar quais realmente permanecerão no corpus para análise. Obtivemos assim um total de 128 ocorrências em 125 edições.

Resultados obtidos na plataforma do ESP para a sequência “cultura da paz” em pesquisa abrangendo até a data de 31/11/2011		
Data	Caderno	Página
?	Construção & Serviços	* ²⁴
1. 07/07/1909	Geral	3

²⁴ Embora a busca indique 1 ocorrência nessa categoria, ao clicar no link para abri-la aparece a frase “Exibindo 0 ocorrências”.

2.	24/12/1911	Geral	2
3.	10/03/1940	Geral	4
4.	08/09/1946	Geral	4
	24/08/1948	Geral	6
5.	21/03/1952	Geral	4
6.	07/03/1953	Geral	3
7.	31/10/1956	Geral	5
8.	28/07/1960	Agrícola	13
9.	05/10/1965	Geral	15
10.	16/07/1968	Geral	14
11.	11/09/1968	Geral	34
12.	04/02/1973	Geral	26
13.	07/07/1976	Geral	7
14.	01/09/1977	Geral	5
15.	19/10/1982	Geral	7
	06/03/1993	Cultura	3
	09/11/1994	Seu bairro (região sul)	z12
16.	18/06/1995	Caderno 2	d4
17.	14/07/1998	Editorial	a6
18.	20/04/1999	Geral	a16
19.	11/05/1999	Geral	a18
20.	21/09/1999	Geral	a12
21.	01/06/2000	Política	a5
22.	07/07/2000	Cidades	c1
23.	01/09/2000	Caderno 2	d5
24.	06/10/2000	Caderno 2	d4
25.	13/11/2000	Cidades	c4
26.	10/03/2001	Caderno 2	d11
27.	31/10/2001	Economia	b6
	31/10/2001	Economia	b6 ²⁵
28.	31/10/2001	Geral	a13
29.	24/11/2001	Feminino	f13
30.	07/12/2001	Especial	h3
31.	18/01/2002	Caderno 2	d7
32.	01/02/2002	Caderno 2	d6
33.	30/04/2002	Caderno 2	d3
34.	25/06/2002	Caderno 2	d5

²⁵ O acervo indica uma mesma ocorrência como sendo duas diferentes.

35.	21/07/2002	Cidades	c4
36.	25/08/2002	Política	a10
37.	17/09/2002	Caderno 2	d3
38.	20/09/2002	Seu bairro sul	zs16
39.	29/10/2002	Política	h2
40.	20/11/2002	Caderno 2	d2
41.	21/11/2002	Caderno 2	d2
42.	22/12/2002	Política	a8
43.	27/12/2002	Seu bairro leste	z14
44.	28/02/2003	Seu bairro sul	zs5
45.	28/03/2003	Geral	a14
27/04/2003	27/04/2003	Empregos	ee2
46.	05/05/2003	Cidades	c4
47.	16/05/2003	Guia	2
48.	25/05/2003	Economia	b6
49.	25/05/2003	Economia	b1
50.	20/06/2003	Seu bairro leste	z18
51.	30/06/2003	Informática	i12
52.	20/07/2003	Caderno 2	d8
53.	31/07/2003	Empregos	ce4
54.	05/08/2003	Caderno 2	d6
55.	23/08/2003	Cidades	c6
56.	01/09/2003	Informática	i10
57.	07/09/2003	Caderno 2	d3
58.	19/09/2003	Seu bairro leste	z17
59.	26/09/2003	Geral	a15
60.	03/12/2003	Caderno 2	d4
61.	18/01/2004	Economia	b10
62.	20/03/2004	Cidades	c6
63.	25/03/2004	Geral	a13
64.	30/03/2004	Caderno 2	d3
65.	04/05/2004	Caderno 2	d4
66.	18/07/2004	Caderno 2	d6
67.	09/10/2004	Cidades	c4
68.	18/11/2004	Cidades	c3
69.	18/11/2004	Cidades	c4
70.	20/11/2004	Caderno 2	d13
71.	21/11/2004	Aliás	j4
72.	21/01/2005	Caderno 2	d6

73. 09/04/2005	Cidades	c3
74. 19/05/2005	Guia	h2
75. 11/07/2005	Cidades	c5
76. 13/08/2005	Editorial	a3
77. 22/10/2005	Cidades	c4
78. 25/10/2005	Caderno 2	d6
79. 31/10/2005	Caderno 2	d6
80. 16/03/2006	Oportunidades	co6
81. 10/06/2006	Cidades	c3
82. 01/07/2006	Caderno 2	d6
83. 21/09/2006	Caderno 2	d6
84. 16/11/2006	Caderno 2	d6
85. 08/12/2006	Política	a9
86. 15/02/2007	Cidades	c5
87. 27/03/2007	Internacional	a12
88. 27/03/2007	Internacional	a13
89. 12/04/2007	Cidades	c6
90. 16/04/2007	Economia	b5
91. 22/04/2007	Aliás	j7
92. 30/04/2007	Geral	a12
93. 06/06/2007	Cidades	c3
94. 15/07/2007	Cidades	c5
95. 13/09/2007	Oportunidades	co4
96. 01/12/2007	Caderno 2	d12
97. 04/12/2007	Caderno 2	d7
98. 12/01/2008	Opinião	a2
99. 06/08/2008	Economia	b15
100.07/08/2008	Cidades	c9
101.08/08/2008	Caderno 2	d8
102.11/08/2008	Política	a6
103.13/08/2008	Economia	b8
104.24/08/2008	Aliás	j7
105.24/08/2008	Internacional	a23
106.28/08/2008	Caderno 2	d4
107.31/10/2008	Economia	b12
108.04/11/2008	Cidades	c8
109.28/11/2008	Economia	b7
110.03/12/2008	Economia	b10
111.26/02/2009	Cidades	c4

112.08/03/2009	Cidades	c3
113.25/04/2009	Economia	b22
114.11/05/2009	Caderno 2	d2
115.08/07/2009	Política	a7
116.14/09/2009	Opinião	a2
117.18/10/2009	Caderno 2	d6
118.19/10/2009	Economia	b10
119.15/11/2009	Internacional	a13
120.17/02/2010	Economia	b5
121.22/02/2010	Economia	b8
122.15/04/2010	Geral	a21
123.17/05/2010	Geral	a16
124.15/08/2010	Internacional	a23
125.06/06/2011	Caderno 2	d2
126.03/07/2011	Cidades	c4
127.31/07/2011	Aliás	j4
128.17/11/2011	Cidades	c3

Tabela 3: Lista de resultados encontrados na busca pela sequência “cultura da paz” (ESP).

Tanto na FSP quanto no ESP obtivemos somente as imagens das edições, o que gera uma segunda grande dificuldade: não há como processar os dados desses jornais em softwares de análise textual. Torna-se necessário, portanto, trabalhar “a olho nu” com esse material.

Somente o terceiro jornal indicado no projeto, Brasil de Fato (BF), tem acervo aberto e consentiu no acesso irrestrito, desde sua fundação até os dias de hoje. Embora todas as edições estejam disponíveis no site, não há como fazer a busca no acervo por um termo específico, de maneira que entramos em contato com a equipe e, em visita à sua sede em São Paulo, pudemos obter todos os exemplares no formato pdf. Foram contabilizadas 23 ocorrências da sequência “cultura de paz” num total de 18 edições diferentes, e 0 ocorrências para “cultura da paz” e “cultura para a paz”. A busca foi realizada com o software Adobe Reader X a partir da busca avançada pelo sintagma na pasta do acervo, conforme imagem a seguir:

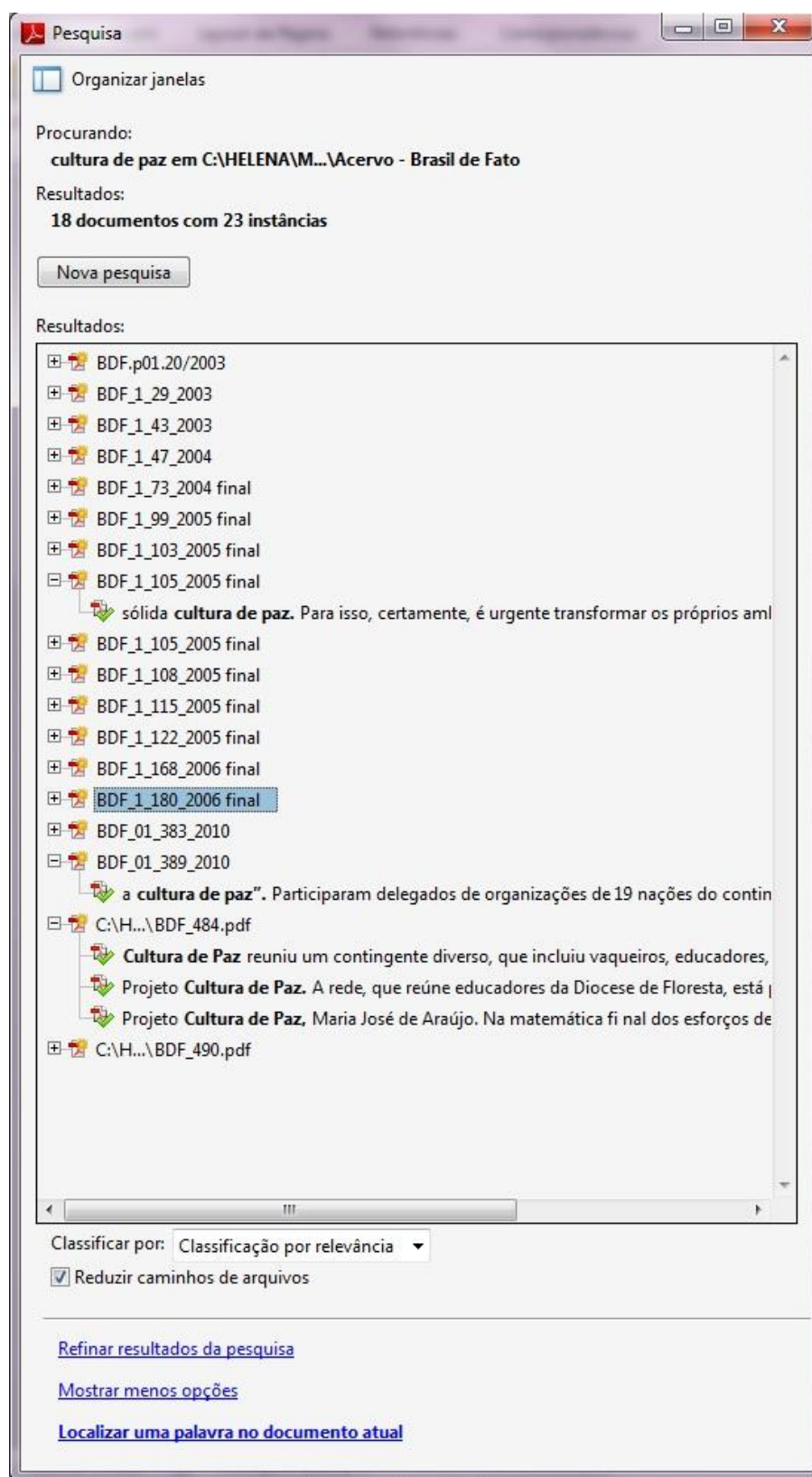


Figura 16: Busca avançada da sequência “cultura de paz” no acervo do jornal por meio do software Adobe Reader X (BF).

Temos então a seguinte lista de ocorrências:

Resultados obtidos em busca no acervo do <i>Brasil de Fato</i> para a sequência “cultura de paz” em pesquisa abrangendo até a data de 31/11/2011		
Data - edição	Caderno	Página
1. 17 a 23/07/2003 - 20	Comportamento	13
2. 18 a 24/09/2003 - 29	Internacional	11
3. 25 a 31/12/2003 - 43	Internacional	12
4. 22 a 28/01/2004 - 47	Agenda	15
5. 22 a 28/07/2004 - 73	Agenda	15
6. 20 a 26/01/2005 - 99	Agenda	15
7. 17 a 23/02/2005 - 103	Nacional	7
8. 03 a 09/03/2005 - 105	Nossa opinião	2
9. 10 a 16/03/2005 - 106	Agenda	15
10.10 a 16/03/2005 - 106	Agenda	15
11.31/03 a 06/04/2005 - 109	América Latina	10
12.12 a 18/05/2005 - 115	Agenda	15
13.12 a 18/05/2005 - 115	Agenda	15
14.30/06 a 06/07/2005 - 122	Agenda	15
15.30/06 a 06/07/2005 - 122	Agenda	15
16.18 a 24/05/2006 - 168	Debate	2
17.10 a 16/08/2006 - 180	Internacional	6
18.01 a 07/07/2010 - 383	América Latina	12
19.12 a 18/08/2010 - 389	América Latina	12
20.07 a 13/06/2012 - 484	Brasil	8
21.07 a 13/06/2012 - 484	Brasil	8
22.07 a 13/06/2012 - 484	Brasil	8
23.19 a 25/07/2012 - 490	Brasil	8

Tabela 4: Lista de resultados encontrados na busca da sequência “cultura da paz” (BF).

4.2.2 BUSCADOR GOOGLE

A questão da monopolização dos meios de informação é discutida por Tim Wu em sua obra *Impérios da comunicação* (2012), que considera o Google como um dos principais monopolistas do nosso período no que diz respeito à internet – ainda que levante a bandeira pelo “acesso à informação”. Como questiona o autor (WU, 2012, p.356),

mais controverso é o fato de que, desde os anos 2010, muitas das buscas no Google nos levam diretamente a propriedades suas, o que pode ser útil, mas também uma forma de desviar os usuários de sites concorrentes em nome da

conveniência. É difícil dizer se tudo isso é para defender o monopólio ou apenas para atender às demandas dos consumidores.

Pensamos que esse é um dado essencial no que diz respeito à metodologia de quem queira trabalhar com fórmulas discursivas, uma vez que, com o andamento de nosso trabalho, constatamos que a maneira tradicional de formação de *cópus* na história da Análise do Discurso, muitas vezes vinculada a jornais e revistas de uma dada época, precisa ser repensada para contemplar o espalhamento de informações intrínseco à circulação de uma fórmula em nosso período – passando, conseqüentemente, pela utilização de ferramentas de busca como o *Google Search*.

O condicionamento das buscas nessa plataforma é discutido também por Donizeti Batista (2007), que elenca pelo menos três fatores limitadores principais desse tipo de pesquisa:

- Das características técnicas da ferramenta: limitação devido ao distanciamento entre a quantidade de informações disponíveis na *Web* e a capacidade física de *hardware* e o design do *software* dos Mecanismos de Busca de catalogá-las e apresentá-las ao usuário de forma acessível. Com o crescimento explosivo da Internet e, principalmente, da *Web*, os mecanismos de busca que indexavam até 95% das 19 milhões de páginas existentes em 1996 (CHU e ROSENTHAL, 1996), não indexavam mais de 42%, das 800 milhões de páginas disponíveis na *Web* em 1999, segundo estudos estatísticos feitos por Lawrence e Gilles (INTRONA e NISSENBAUM, 2000). Para se ter uma idéia da dificuldade de catalogar estas informações e disponibilizá-las, cabe acrescentar que em 2005 o número de páginas acessíveis na *Web* ultrapassou a cifra de 9 bilhões.
 - Do usuário: desconhecimento das técnicas de funcionamento dos Mecanismos de Busca e do universo de informações disponível. O usuário, normalmente, tem poucos dados sobre o tema que está buscando neste espaço virtual e não tem informações suficientes sobre o funcionamento da ferramenta. Isto faz com que ele não seja capaz de reconhecer o fato da busca frequentemente se distanciar dos seus objetivos, obtendo resultados parciais, resultados equivocados ou nenhum resultado.
 - Da influência dos interesses econômicos e empresariais frutos das relações de parcerias comerciais comuns neste setor: os interesses comerciais da empresa proprietária da ferramenta ou seus parceiros e instituições associadas podem estar em contradição com os interesses dos usuários.
- (BATISTA, 2007, pp.39-40)

No entanto, consideramos que a utilização dessa ferramenta – unida, necessariamente, ao questionamento e à compreensão de seu funcionamento – é indispensável na medida em que se torna, a cada dia, mais naturalizada no cotidiano da maioria das pessoas que utilizam a internet quando se trata da realização de buscas rápidas por informações acerca de um determinado assunto – como, por exemplo, o que seja a “cultura de paz”.

Isso se confirmou em uma pesquisa realizada no site da empresa Alexa, uma das principais na área de medição e análise de estatísticas da web, no dia 14 de dezembro de 2012, por meio da qual encontramos o seguinte dado:

O Google foi classificado como o primeiro do mundo segundo com o ranking de tráfego [de informações na Internet] da Alexa. [...]. Cerca de 29% dos visitantes desse site vem dos EUA, e aproximadamente 19% das visitas do Google consistem apenas em uma exibição de página (isto é, são “saltos”). O tempo gasto em uma visita típica a esse site é de por volta de quinze minutos, com 29 segundos gastos em cada exibição de página²⁶. (ALEXA, 2012)

Procurando levar essas questões em consideração e, ao mesmo tempo, colher informações acessíveis a usuários comuns da Web acerca da “cultura de paz”, fizemos diversas buscas na plataforma Google Search, em dias e máquinas diferentes e de usuários distintos – a fim de evitar condicionamentos de buscas anteriores, fenômeno que pode ser constatado, por exemplo, pela recorrência de anúncios comerciais de itens procurados recentemente em buscadores nas laterais das páginas –, por meio da ferramenta “Busca avançada”, utilizando como dispositivo de arquivo as sequências “cultura de paz” e “cultura da paz” no período de tempo restrito do Ano Internacional para a Cultura de Paz (2000) e da Década para a Cultura de Paz (1 de janeiro de 2001 a 31 de dezembro de 2010), conforme imagem a seguir:

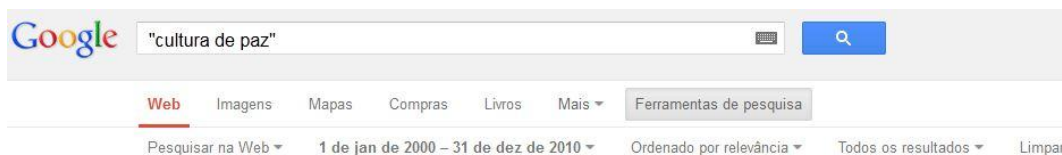


Figura 17: Busca avançada da sequência “cultura de paz” na plataforma Google Search.

Ainda estamos trabalhando nesse processo de buscas, a fim de colher o maior número de dados possível. As páginas são salvas no formato pdf, de maneira que é possível selecionar a superfície textual e prepará-la para o processamento em softwares de análise estatística textual, como o Léxico 3 (cf. capítulo 4.2.3).

No entanto, conforme metodologia proposta por Krieg-Planque (2010), será necessária também uma leitura de todo esse material que conte com um “interpretante

²⁶ Google is ranked #1 in the world according to the three-month Alexa traffic rankings. [...]. About 29% of visitors to this site come from the US, and roughly 19% of visits to Google consist of only one pageview (i.e., are bounces). The time spent in a typical visit to the site is about fifteen minutes, with 29 seconds spent on each pageview (ALEXA, 2012)

razoável”, a fim de definir um recorte interessante para a análise final – procedimento cuja necessidade é corroborada pela constatação das restrições das ferramentas, como as mencionadas anteriormente. A esse respeito, a autora explica que

o interpretante razoável é aquele que não é nem inteiramente invadido pelo já-dito de toda palavra, aturdido pelo dialogismo no qual cada palavra se produz, sufocado pela memória interdiscursiva de que o mais singelo dos discursos é depositário (...), nem inteiramente preso aos grilhões do dicionário e da gramática mais tradicional, que ele reconhece como parâmetros de representação de uma língua “correta” (KRIEG-PLANQUE, *apud* MOTTA; SALGADO, 2011, p.30)

4.2.3 O SOFTWARE *LEXICO3*

A primeira versão do Lexico3 (SYLED-CLA²T, 2001), nomeada somente *Lexico*, foi desenvolvida em 1990 por André Salem no Institut de Linguistique et Phonétique Générales et Appliquées (*ILPGA*) da Université la Sorbonne Nouvelle - Paris 3. Hoje o software é mantido e atualizado pelo *Centre de Lexicométrie et d'Analyse Automatique des Textes* (SYLED-CLA²T) dessa mesma universidade e, embora em seus lançamentos mais recentes seja pago, pode ser utilizado gratuitamente na versão 3.45 (que usaremos para este trabalho), estando disponível para download.

A utilização de softwares textuais torna possível que trabalhemos com um *cópus* maior e mais diversificado, e ajuda a evidenciar relações e estatísticas que não visualizaríamos sem uma ferramenta específica para esse tipo de análise. Segundo o manual do Lexico3 (KUNCOVA; MAISONDIEU, 2003),

a facilidade de visualizar os dados e de criar diferentes composições, desde a mais simples análise estatística até os cruzamentos de dados fatoriais permite ao pesquisador, cujo objeto é o texto, avançar sobre hipóteses quantificando e qualificando seus dados.

Escolhemos esse software específico por diversos fatores: a disponibilidade gratuita; a variedade e a utilidade das ferramentas de estatística e de análise; e, principalmente, o contato possível com o Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde (Departamento de Letras – UFSCar), tradutor do manual para o português, que tem nos auxiliado na lida com o programa.

Para fazer uso de suas funções, é preciso, primeiramente, preparar o corpus, fazendo sua segmentação de acordo com o código do programa e critérios de balizamento preestabelecidos, etapa da pesquisa que iniciaremos ao final da coleta dos dados, de forma a estabelecer os melhores critérios possíveis de balizamento. No nosso caso, eles dirão respeito principalmente ao suporte, ao gênero textual e à data das ocorrências (blog, página institucional, livro, jornal, notícia, cartaz de evento, folder, ano, mês, dia, dia da semana), a fim de facilitar a visualização estatística da circulação da fórmula.

Posteriormente, será possível estabelecer relações intertextuais de diversas ordens, como concordâncias, estatísticas por partes (por recorte temporal, por suporte, por gênero...), grupos de formas (procurando ocorrências a partir de um determinado radical), mapas de seções (mapeando ocorrências delimitadas por tipos de delimitadores, como, por exemplo, parágrafos (§)), inventário de segmentos repetidos (levantando as sequências linguísticas recorrentes do texto) e diversas outras estatísticas.

5. CRONOGRAMA

5.1 CRONOGRAMA INICIAL

Dispomos abaixo o cronograma previsto no projeto inicial para o desenvolvimento da pesquisa e as respectivas atividades:

Plano de trabalho e cronograma de sua execução													
atividades	2012						2013						2014
	1º bim	2º bim	3º bim	4º bim	5º bim	6º bim	1º bim	2º bim	3º bim	4º bim	5º bim	6º bim	1º bim
1													
2													
3													
4													
5													
6													
7													
8													

Tabela 5: Cronograma do projeto inicial.

1. frequência às disciplinas de pós-graduação de interesse para o desenvolvimento do projeto;
2. participação em congressos, seminários e encontros para discussão e divulgação da pesquisa, além do grupo de estudos Comunica, no âmbito do Departamento de Letras da UFSCar, coordenado pela Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado;
3. leitura e discussão dos textos constantes da Bibliografia na área de Análise do Discurso, conforme trilha proposta por Alice Krieg-Planque em seus trabalhos recentes;
4. levantamento de documentos que registram e/ou comentam a Cultura de Paz (e, mais especificamente, seu desenvolvimento no Brasil);
5. estabelecimento do corpus;
6. análise do corpus e interpretação discursiva dos dados;
7. elaboração e redação da dissertação;
8. preparação para a qualificação.

Foram adicionadas às atividades propostas inicialmente para o período transcorrido a frequência a aulas de francês e a publicação de artigo em revista, conforme já exposto no item 2 do relatório (Atividades desenvolvidas no período).

Em decorrência do cancelamento de uma disciplina já em andamento para a qual havíamos feito inscrição, a atividade 1 – frequência às disciplinas de pós-graduação de interesse para o desenvolvimento do projeto – será desenvolvida também durante o primeiro semestre de 2013.

As demais atividades estão sendo realizadas dentro do previsto pelo cronograma inicial, para o qual propomos algumas alterações no item 5.3, com a inclusão da realização de um estágio de pesquisa no exterior.

5.2 INTERESSE EM REALIZAÇÃO DE ESTÁGIO DE PESQUISA NO EXTERIOR

Considerando a possibilidade de realização de estágio de pesquisa no exterior instaurada pela FAPESP a partir da criação da Bolsa para Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE) e a importância do diálogo entre centros de pesquisa de países diferentes para a difusão do conhecimento e para o desenvolvimento acadêmico, manifestamos interesse pela realização de um estágio de seis meses no Centre d'étude des discours, images,

textes, écrits, communication (CEDITEC), da Université Paris-Est Créteil Val de Marne, sob supervisão da pesquisadora Alice Krieg-Planque, *maîtresse de conférences* em Ciências da Informação e comunicação.

O diálogo com essa pesquisadora foi iniciado com a tradução de sua obra *La notion de “formule” en analyse du discours: cadre théorique et méthodologique* (KRIEG-PANQUE, 2009) para o português pelos Professores Doutores Sírio Possenti e Luciana Salazar Salgado, co-orientadora desta pesquisa, e é mantido pela troca constante de referências bibliográficas e traduções de artigos entre ela e os grupos de estudos Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise – FESTA, IEL/Unicamp e o Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais – LEEDIM, DL/UFSCar, dos quais os orientadores desta pesquisa são membros.

Atualmente, há uma pesquisa em nível de graduação (Iniciação Científica), também integrante do Grupo de Pesquisa Comunica, e sob orientação da Prof^a. Dr^a. Luciana Salazar Salgado, que será supervisionada pela pesquisadora Krieg-Planque em estágio financiado pela bolsa BEPE a ser iniciado em 23 de janeiro.

Como temos como fundamentação primeira o quadro teórico-metodológico proposto por Krieg-Planque (2010), consideramos esse estágio como uma oportunidade valiosa para o desenvolvimento desta pesquisa. No Projeto Complementar a ser desenvolvido durante a BEPE, temos como objetivo analisar discursivamente o funcionamento do mercado editorial no que diz respeito a publicações que tenham como objeto principal a “cultura de paz”, as quais, postas em circulação como objetos técnicos específicos – cartilhas, livros teóricos, coletâneas etc. – colaboram para a instauração e a difusão dessa fórmula. Pretendemos investigar a constituição desses objetos técnicos editoriais, suas especificidades e, assim, as relações que mantêm com a produção dos sentidos que a referida fórmula discursiva abriga.

Para isso, a partir de pesquisas a serem realizadas em sites de editoras e livrarias e do acesso a obras publicadas no período da Década para a Cultura de Paz (2001-2010) – podendo essa pesquisa se tornar mais abrangente, dependendo do número de obras encontradas e, portando, da viabilidade dessa expansão –, buscaremos traçar um panorama do mercado editorial em torno desse tema, analisando sua participação na circulação e, portanto, na própria instituição da fórmula, fazendo a hipótese de que, enquanto nos jornais impressos e digitais pesquisados propostos no Projeto Inicial a fórmula se publiciza massivamente, outros objetos editoriais têm o papel de documentar e possivelmente de estabilizar os sentidos dessa fórmula discursiva que tem servido,

inclusive – dentre outros usos –, de referência para a destinação de verba pública a projetos culturais e educacionais.

Além do desenvolvimento desse projeto, o estágio se constituirá também da frequência às disciplinas indicadas pela professora Alice Krieg-Planque e da participação em eventos acadêmicos que aconteçam no período de realização do estágio, além da pesquisa e leitura de bibliografia específica no exterior.

O cronograma previsto para o estágio, portanto, é o que segue abaixo:

Cronograma da realização de estágio de pesquisa no exterior 2013						
Atividades	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev
Levantamento e leitura de bibliografia específica no exterior						
Constituição do arquivo principal						
Análise discursiva dos dados						
Frequência às disciplinas indicadas						
Participação em eventos						
Elaboração de relatório do Projeto Complementar desenvolvido						

Tabela 6: Cronograma proposto para estágio de pesquisa no exterior.

5.3 CRONOGRAMA DA PESQUISA COM AJUSTES E ENCAMINHAMENTOS

Após a entrega deste relatório, iniciaremos a tradução do artigo “*Sciences du langage*” et “*Sciences de l’information et de la communication*” : *entre reconnaissances et ignorances, entre distanciations et appropriations* (KRIEG-PLANQUE, 2007), a ser publicada em uma revista da área, visando à divulgação desse debate no Brasil. Concomitantemente a esse trabalho, daremos continuidade à análise dos dados do nosso arquivo e às demais atividades acadêmicas.

Propomos, também, conforme documentação enviada via Sage, a alteração da orientação da pesquisa, de modo que a responsabilidade passe à sua atual co-orientadora, Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado, e que o Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas passe a co-orientador do trabalho, mudança essa que se deve a razões acadêmicas e de estrito proveito da pesquisa em curso. Conforme registro em nosso Programa de Pós-graduação (PPGL/UFSCar) e em toda a documentação tramitada junto à FAPESP, desde seu início, a pesquisa “A constituição da fórmula discursiva ‘cultura de paz’: circulação e produção dos sentidos” tem sido co-orientada pela Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado, co-líder do Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais – LEEDIM, em que se construiu o projeto. No decurso da

pesquisa, a co-orientadora passou a trabalhar com foco nas *fórmulas discursivas*, notadamente em seus aspectos comunicacionais, vindo a assumir a liderança do Grupo de Pesquisa Comunica – reflexões linguísticas sobre comunicação, que reúne trabalhos diretamente ligados à problemática em que o referido projeto se desdobrou. No Relatório Parcial, vê-se que, embora sigam tendo afinidades com o coletivo em que se originaram, tanto as questões da comunicação quanto as mais estritamente ligadas à editoração (que se pretende desenvolver no Projeto Complementar para a Bolsa BEPE) se aproximam sobremodo das pesquisas da co-orientadora, e acreditamos que a mudança de orientador fará jus aos desdobramentos do projeto.

Assim, a partir das mudanças propostas acima e dos encaminhamentos pensados para a pesquisa, propomos o seguinte cronograma para o próximo período da bolsa:

Plano de trabalho e cronograma de sua execução com ajustes										
	2013						2014			
atividades	1º bim	2º bim	3º bim	4º bim	5º bim	6º bim	1º bim	2º bim	3º bim	4º bim
1					Realização de Estágio de Pesquisa no Exterior					
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										

Tabela 7: Cronograma da pesquisa com ajustes e encaminhamentos.

1. tradução e submissão de artigo (KRIEG-PANQUE, 2007);
2. frequência a disciplinas de pós-graduação de interesse para o desenvolvimento do projeto;
3. delimitação final do corpus e do levantamento de documentos que registram e/ou comentam a Cultura de Paz (e, mais especificamente, seu desenvolvimento no Brasil);
4. análise do corpus e interpretação discursiva dos dados;
5. participação em congressos, seminários e encontros para discussão e divulgação da pesquisa, além de frequência ao grupo de estudos Comunica – reflexões linguísticas sobre comunicação;

6. leitura e discussão dos textos constantes da Bibliografia, na área de Análise do Discurso, conforme trilha proposta por Krieg-Planque em seus trabalhos recentes, e de outras obras que se coloquem como interessantes à pesquisa;
7. elaboração da dissertação e preparação para a qualificação;
8. preparação para a defesa e conclusão da pesquisa;
9. publicação de pelo menos um artigo a partir do resultado final da pesquisa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, David. (2005). *Global Movement for a Culture of Peace*. Disponível em: <http://www.culture-of-peace.info/copoj/index.html>. Acesso em 28 de julho de 2011.
- _____. (2005a) Definition of Culture of Peace, in *Global Movement for a Culture of Peace*. Disponível em: <http://www.culture-of-peace.info/copoj/definition.html>. Acesso em 28 de julho de 2011.
- _____. (2005b). International Peace and Security, in *Global Movement for a Culture of Peace*. Disponível em <http://www.culture-of-peace.info/copoj/security.html>. Acesso em 28 de julho de 2011.
- _____. (2007). *Relatório Mundial de Cultura de Paz*. Disponível em: http://www.fund-culturadepaz.org/spa/INFORME_CULTURA_DE_PAZ/INFORME/informeFCP_por.pdf. Acesso em 5 de julho de 2011.
- ADAMS, David et al (2011). *Report on the Decade for a Culture of Peace: Final Civil Society Report on the United Nations International Decade for a Culture of Peace and Non-violence for the Children of the World (2001-2010)*. Disponível em: http://www.fund-culturadepaz.org/spa/DOCUMENTOS/Report_on_the_Decade_for_a_Culture_of_Peace.pdf. Acesso em 3 de julho de 2011.
- ALEXA. Statistics Summary for google.com. Disponível em: <http://www.alexa.com/siteinfo/google.com#>. [Acesso em 17 de dezembro de 2012]
- ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. *CONPAZ* (Conselho Parlamentar pela Cultura de Paz). Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/porta/site/Internet/menuitem.b7a457b790929bbd176679cd560041ca/?vgnnextoid=c9d0671976067110VgnVCM100000590014acRCRD>. Acesso em 1 de agosto de 2011.
- BATISTA, Donizeti. *Uma análise do funcionamento dos mecanismos de busca na rede mundial de computadores*. 2007. 91 p. Dissertação (mestrado em ciências em história das ciências e das técnicas e epistemologia) – COPPE, universidade federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2007.
- BENITES, Sônia Aparecida Lopes. Fórmulas de ensinar e de aprender. *Polifonia*, Cuiabá, MT, v.18, n.23, p.31-42, 2011.

CASTELLS, M. *A galáxia da internet* – reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza Borges, rev. técnica Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (2008). *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

COMITÊ PAULISTA PARA A DÉCADA DA CULTURA DE PAZ. *Manifesto 2000*. Disponível em http://www.comitepaz.org.br/o_manifesto.htm. Acesso em 28 de julho de 2011.

_____. *A logomarca*. Disponível em: http://www.comitepaz.org.br/a_logomarca.htm. Acesso em 15 de junho de 2011).

DE CERTEAU, Michel. *A cultura no Plural*. Campinas: Papirus, 1995.

DISKIN, Lia (2009). *Cultura de paz: redes de convivência*. SENAC São Paulo. Versão digital disponível em: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/gd4/culturadepaz/>. Acesso em 24 de junho de 2011.

DISKIN, Lia; NOLETO, Marlova Jovchelovitch (coord.) (2010). *Cultura de paz: da reflexão à ação - Balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo*. UNESCO.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, Eni (org.) *Gestos de leitura: da História no Discurso*. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1994. (Language, 81, 1986).

JOHNSON, Steven. *Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. [Interface culture: how new technology transforms the way we and communicate]. Maria Luiza X. de A. Borges (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 189 p. (Coleção Interface).

KRIEG-PLANQUE, Alice. *Emergence et emplois de la formule "purification ethnique" dans la presse française (1980-1994)*. Une analyse de discours, thèse de doctorat em sciences du langage soutenue le 9 novembre 2000 à l'Université de Paris 13. Paris Nord, 3 vol., 840 p.

_____. « *Purification ethnique* ». *Une formule et son histoire*. Paris, CNRS Editions, 2003.

_____. "Sciences du langage" et "Sciences de l'information et de la communication" : entre reconnaissances et ignorances, entre distanciations et appropriations. In: NEVEU, Franck; PETILLON, Sabine. *Sciences du langage et sciences de l'homme*. Limoges: Editions Lambert-Lucas, 2007. pp.103-119.

_____. *A noção de "fórmula" em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*. Trad. Luciana Salazar Salgado, Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. (Lingua[gem]; 39)

_____. "Fórmulas" e "lugares discursivos": propostas para a análise do discurso político. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana Salazar. *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011, p.11-40.

KUNCOVA, Andrea; MAISONDIEU, Aude. Manual resumido de utilização: dez primeiros passos com Léxico3. Ed.3.41. Trad. Dirceu Cleber Conde. SYLED - CLA²T, 2003. Disponível em: <http://www.tal.univ-paris3.fr/lexico/lex3-10pas/Lexico3-10premierspas-portugais.pdf>. Acesso em 26 de agosto de 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTELART, Armand. *Diversidade Cultural e mundialização*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2005. (Episteme; 2)

MODZENSKI, Leonardo Pinheiro. A formação sócio-histórica do gênero *cartilha jurídica*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS. 4., 2007. *Anais*. Tubarão (SC): USSC, 2007, p.1204-1228. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/port/68.pdf>>. [Acesso em 3 de agosto de 2012].

PECHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3 ed. Trad. Eni Orlandi. São Paulo: Pontes, 2002.

POSSENTI, Sírio. (Não) fazer a lição de casa: circulação e sentidos. In: POSSENTI, S.; PASSETTI, M. C. *Estudos do Texto e do Discurso: política e mídia*. Maringá: EDUEM, 2010. pp. 103-120.

ONU (1999a). *Declaration on a Culture of Peace*. Disponível em: <<http://cpnn-world.org/resolutions/resA-53-243A.html>>. [Acesso: 28 de julho de 2012].

_____. (1999b). *Programme of Action on a Culture of Peace*. The Culture Of Peace News Network. Disponível em: <<http://cpnn-world.org/resolutions/resA-53-243B.html>>. [Acesso: 28 de junho de 2012].

SALGADO, Luciana. Salazar.; ANTAS JÚNIOR, Ricardo Mendes. Criação num mundo sem fronteiras: paratopia no período técnico-científico informacional. In: *Acta Scientiarum: language and culture*. Maringá, v. 33, n. 2, p.259-270, 2011.

SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo* – globalização e meio técnico-científico informacional. 5ª ed. Edusp: São Paulo, 2008.

_____. *Por uma outra globalização*. Editora: Record, 2011.

SYLED-CLA2T Lexico3, Version 3.45: textometric toolbox. Centre de Lexicométrie et d'Analyse Automatique des Textes, 2001. Disponível em: <http://www.tal.univ-paris3.fr/lexico/lexico3.htm>. Acesso em 26 de agosto de 2012.

TELE.SÍNTESE. Ibope Media indica que 94,2 milhões de pessoas têm acesso a internet. Disponível em: <<http://www.telesintese.com.br/index.php/plantao/21559-ibope-media-indica-que-94-2-milhoes-de-pessoas-tem-acesso-a-internet>>. [Acesso em 17 de dezembro de 2012].

UNESCO (2000). *Manifesto 2000: Por uma cultura de paz e não violência*. Disponível em: <http://convivenciaepaz.org.br/cultura-de-paz/textos/>. Acesso em 28 de junho de 2011.

UNESCO (1995). *Unesco and a Culture of Peace: promoting a global movement* (UNESCO Culture of Peace Programme). Disponível em: <http://www.culture-of-peace.info/monograph/page1.html>. Acesso em 24 de julho de 2011.

UNITED NATIONS (1999). Programme of Actions. *The Culture Of Peace News Network*. Disponível em: <http://cpnn-world.org/resolutions/resA-53-243B.html>. Acesso em 28 de julho de 2011.

UNITED NATIONS (1988). 1998 UN resolution on the culture of peace. *United Nations Documentation*. Disponível em: <http://www.un.org/depts/dhl/resguide/r53.htm>. Acesso em 28 de julho de 2011.

VOSS, Jefferson. A propósito das noções de fórmula e de percurso para a análise de discurso. *Revista Prolíngua*, v.6, n.1, p.15-25, 2011. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/prolingua/article/view/13546/7699>. Acesso em 10 de dezembro de 2012.

WU, Tim. *Impérios da comunicação: do telefone à internet, da AT&T ao Google*. Trad. Claudio Carina. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

7. ANEXOS

7.1 PÁGINA DO GRUPO DE PESQUISA COMUNICA NO DIRETÓRIO DO CNPQ

7.2 CERTIFICADOS DE PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS

7.2.1 2^A JIED / 1^º EIID

7.2.2 XXIII CONGRESSO NACIONAL DE PÓS-GRADUANDOS

7.2.3 60^º GEL

7.2.4 IV CENAS DA ENUNCIAÇÃO

7.2.5 MINICURSO - 16^a JORNADA DE LETRAS

7.2.6 I SEMINÁRIO DE PRODUÇÃO EM LINGUÍSTICA

7.2.7 VIII FÓRUM DE EDITORAÇÃO

7.2.8 VI SPLIN

7.3 CERTIFICADOS DE ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

7.3.1 IV CENAS DA ENUNCIAÇÃO

7.3.2 VI SPLIN

7.4 PUBLICAÇÕES

7.4.1 2^a JIED / 1^º EIID – RESUMO E TRABALHO COMPLETO

Disponível em:

http://anais.jiedimagem.com.br/lista_simposios?ModBusca=autor1&busca=helena+maria+boschi+da+silva&OK=Buscar

Trabalho publicado nos Anais do evento, disponível em:

<http://anais.jiedimagem.com.br/pdf/2208.pdf>.

7.4.2 RESUMO – 60^º GEL

Disponível em: <http://gel.org.br/detalheResumo.php?trabalho=8314>

7.5 REVISÃO TÉCNICA DE ARTIGO

(cópia da primeira página do artigo)

Disponível em: http://www2.catalao.ufg.br/uploads/files/115/7Maria_Renata.pdf

7.6 CERTIFICADO: CURSO DE LÍNGUA FRANCESA